



Alessandra Helena Ferreira
Letícia Queiroz de Carvalho

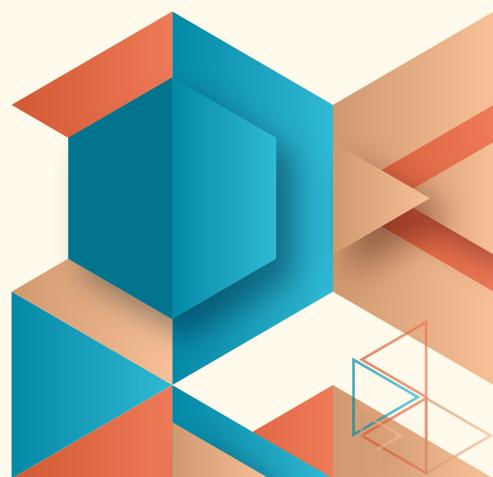
DA TEORIA À PRÁTICA PEDAGÓGICA

**A leitura de Rubem Fonseca na
Educação de Jovens e Adultos**

Caderno Pedagógico



1ª Edição
Vitória – ES | 2022



Alessandra Helena Ferreira
Letícia Queiroz de Carvalho

DA TEORIA À PRÁTICA PEDAGÓGICA

**A leitura de Rubem Fonseca na
Educação de Jovens e Adultos**

Caderno Pedagógico



PROFLETRAS



**INSTITUTO
FEDERAL**
Espírito Santo

Campus
Vitória

1ª Edição
Vitória – ES | 2022



PROFLETRAS



**INSTITUTO
FEDERAL**
Espírito Santo

Campus
Vitória

Alessandra Helena Ferreira
Letícia Queiroz de Carvalho

**Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia do Espírito Santo**

Jadir José Pela
Reitor

Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitor de Ensino

André Romero da Silva
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Lodovico Ortlieb Faria
Pró-Reitor de Extensão e Produção

Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Ifes – Campus Vitória

Hudson Luis Côgo
Diretor Geral

Luciano Lessa Lorenzoni
Diretor de Ensino

André Gustavo de Sousa Galdino
Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Telma Carolina Smith
Diretora de Extensão

Roseni da Costa Silva Pratti
Diretora de Administração

Letícia Queiroz de Carvalho
**Coordenadora do Profletras
Programa de Mestrado Profissional em Letras
– Profletras**
Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara Vitória – Espírito
Santo, 29040-780

Comissão Científica
Dr. Antônio Carlos Gomes
Dra. Margareth Martins de Araújo

Revisão do Texto
Letícia Queiroz de Carvalho

Projeto Gráfico, Capa e Editoração Eletrônica
Clauber Nascimento da Silva

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

F383t Ferreira, Alessandra Helena.

Da teoria a prática pedagógica [recurso eletrônico] : a leitura de Rubem Fonseca na educação de jovens e adultos / Alessandra Helena Ferreira, Letícia Queiroz de Carvalho. – 1. ed. – Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.

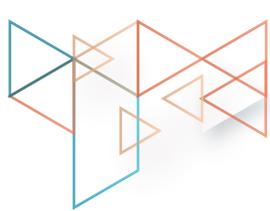
80 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-613-8 (E-book)

1. Leitura -- Estudo e ensino. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Leitores -- Reação crítica. 4. Dialogismo (Análise literária). 5. Fonseca, Rubem, 1925-2020. 6. Língua portuguesa -- Estudo e ensino. I. Carvalho, Letícia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 372.4

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116



Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Básico e Superior

Área de Conhecimento: Ensino

Público-Alvo: Professores, alunos e pesquisadores da área de Letras na Educação Básica.

Categoria deste produto: Didática

Finalidade: Auxiliar professores e profissionais com atuação em qualquer nível, nas práticas de leitura literária na Educação de Jovens e Adultos.

Organização do Produto: O produto foi estruturado em cinco capítulos, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção da leitura no contexto da Educação de Jovens e Adultos.

Registro do Produto: Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Ifes – Campus Vitória

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros

Divulgação: Meio digital

URL: Produto disponível no site do Profletras: <https://www.profletras.vitoria.ifes.edu.br>

Idioma: português

Cidade: Vitória

País: Brasil

Ano: 2022

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado “OS SENTIDOS DA LEITURA NO SEGUNDO SEGMENTO DA EJA: UM DIÁLOGO COM OS CONTOS DE RUBEM FONSECA”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras – Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo

Agradecimentos: Ao Propós Ifes – Programa Institucional de Apoio à Pós-graduação Stricto Sensu, aos Professores participantes, alunos e voluntários



Sobre as autoras

Letícia Queiroz de Carvalho



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS),

em disciplinas cuja discussão central seja a Literatura e a Educação, a pesquisa em Literatura e Ensino e as repercussões da teoria e crítica literária na escola. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2022), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES-Campus Vitória).

Alessandra Helena Ferreira



Mestranda do curso de Pós-Graduação em Ensino de Letras em Rede Nacional – Profletras, do Instituto Federal do Espírito Santo. Graduada em Letras em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa (Universidade Federal do Espírito Santo); Pedagogia (Universidade de Uberaba) e Educação Religiosa (Seminário Teológico Batista do Estado do Espírito Santo). Possui especializações em: Língua Portuguesa e Literatura, Psicopedagogia e Educação de Jovens e Adultos. Atualmente, é professora de Língua Portuguesa no Município de Vitória, e professora coordenadora de Vila Velha, está lotada na Secretaria de Educação de Vila Velha como técnica pedagógica na Gerência de Educação de Jovens e Adultos.





Sumário

Introdução.....	7
O leitor da EJA — algumas particularidades	11
Rubem Fonseca e os círculos de leitura na EJA.....	17
Sobre os círculos de leitura: caminhos possíveis.....	27
Os círculos de leitura na EJA.....	31





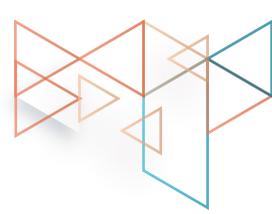
Introdução

A produção deste caderno pedagógico é um dos desdobramentos da pesquisa *Os sentidos da leitura no segundo segmento da EJA: um diálogo com os contos de Rubem Fonseca*, desenvolvida em consonância com os princípios da linha dos Estudos Literários, no âmbito do Profletras – Ifes Vitória, cujo objetivo principal foi compreender as relações dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, do Segundo Segmento, com a leitura a partir de uma proposta de intervenção pedagógica, partindo dos contos de Rubem Fonseca, para o trabalho com esses estudantes, aspirando à formação de leitores cuja postura seja crítica diante do texto e da sua própria vida, dando-lhes condições de romperem os estigmas que lhes excluem de uma vida plena na sociedade.

Com efeito, ao propormos algumas práticas de leitura literária, o fazemos, sobretudo, na intencionalidade de garantir o direito de acesso à literatura ao estudante da Educação de Jovens e Adultos, bem como a sua formação leitora. Por essa razão, lidamos com as diversidades presentes na EJA como instrumento para construir um ambiente acolhedor em que o aluno dessa modalidade de ensino seja visto, antes de tudo, como sujeito de aprendizagens, cidadão igual aos demais que não é inferior, nem perigoso, nem subalterno, muito menos incapaz de compreender a leitura literária.

A intervenção pedagógica foi aplicada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Suzete Cuendet, localizada no bairro Maruípe, na Rua Oto Ramos, núme-





ro 69, em Vitória, capital do Espírito Santo. Atualmente, ela abriga seiscentos e vinte estudantes, distribuídos em trinta turmas. Doze turmas no matutino, doze no vespertino. No noturno, a escola abriga cinco turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), público-alvo da pesquisa.

Os participantes do projeto, conforme registra o Sistema de Gestão Escolar – SGE, foram estudantes do segundo segmento da EJA, na faixa etária entre 15 e 70 anos. Sendo eles adolescentes, jovens, adultos e idosos, em sua maioria negros/as, com renda familiar inferior a R\$ 1.200,00, ainda trabalhadores empregados, desempregados, em busca do primeiro emprego ou que exercem alguma atividade informal. Eles apresentam repetências acumuladas e interrupções na vida escolar.

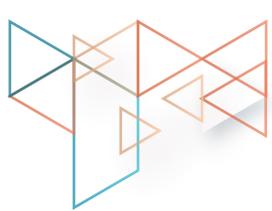
Por esse contexto ser recorrente em outros municípios brasileiros, entendemos que seria relevante produzir um material pedagógico comprometido com a Pauta Nacional da EJA e que dialogasse com as dimensões formadoras de jovens, adultos e idosos, a fim de orientar outros profissionais da educação de jovens e adultos, que entendem a importância de se trabalhar a formação do leitor nessa modalidade educacional.

A produção deste material educativo parte da ideia de que o leitor é a peça fundamental no processo de leitura, aquele que tem a responsabilidade de dar sentido ao que lê, dessa forma, propõe-se aqui a fundamentação da Literatura como espaço de produção, recepção e comunicação por meio da prática da leitura na sala de aula. Para além disso, sobretudo na prática da leitura literária, existe não apenas a aprendizagem, mas também o acolhimento, a memória, o compartilhamento, a solidariedade e a resistência, etapas que serão explicadas no quarto capítulo.

Esses aspectos, portanto, se conectam ao repertório das experiências de vida do leitor, local onde busca as referências necessárias no momento da leitura, a fim de produzir o sentido do texto, ao mesmo tempo em que eles ampliam a visão de mundo daqueles que leem. Portanto, existem na interação, entre o texto e o seu leitor, várias possibilidades de sentido, o que deve ser considerado pelo professor, de modo a comprometer-se com práticas de leitura que dialoguem com a diversidade de universos, histórias e memórias que permeiam o ato de ler.

O processo da leitura exige um esforço que garanta uma compreensão ampliada do mundo e de nós mesmos. Ler é interagir e o ato da leitura implica diálogo entre sujeitos históricos, desta forma, segundo Bakhtin:





A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, com os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p.348.).

Partindo do princípio de que um texto pode ser estímulo para outras experiências de leitura, pode-se, então, tornar a literatura uma presença viva na sala de aula, transformando-a numa prática significativa.

De acordo com Cândido:

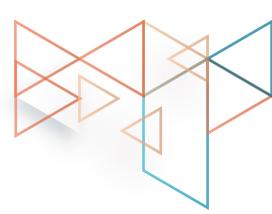
Uma das coisas mais importantes da ficção literária é a possibilidade de poder “dar voz”, de mostrar em pé de igualdade os indivíduos de todas as classes e grupos, permitindo aos excluídos exprimirem o teor da sua humanidade que de outro modo não poderia ser verificada (CÂNDIDO, 1985).

Assim, este material didático é voltado para estudantes da Educação de Jovens e adultos, podendo, contudo, ser aplicado a outras etapas de ensino da Educação Básica. As propostas aqui apresentadas refletem o desenvolvimento de uma metodologia de práticas de leituras na EJA, levando em conta a contribuição de tais práticas na formação leitora dos sujeitos dessa modalidade de ensino.

Fato é que os estudantes da EJA possuem o diferencial de não terem tido oportunidades educacionais na idade própria. São, muitas vezes, trabalhadores ou pessoas que buscam inserção no mundo do trabalho e, em geral, são provenientes das classes menos favorecidas. Tais especificidades, associadas ao baixo nível de inserção nas práticas de leitura e escrita, contribuem para o distanciamento desses cidadãos dos bens culturais historicamente produzidos.

Partindo da premissa de que o acesso à escolarização deve proporcionar aos estudantes jovens e adultos, inseridos em uma sociedade letrada, a possibilidade de analisar, criticar e enfrentar questões que fazem parte do seu contexto, torna-se necessário contribuir para a sua formação leitora, de forma que seu pensamento seja estimulado, bem como o seu raciocínio, podendo, assim, articular aprendizagens de uma situação a outra, abstraindo propriedades, fazendo generalizações, usando seus conhecimentos em novos contextos e, sobretudo, que eles tenham uma consciência não ingênua da realidade que os cerca.





Desse modo, as nossas sugestões pedagógicas, por meio dos círculos de leitura na EJA propõem textos que dialoguem com os interesses dos estudantes, retratando a sua realidade histórica, econômica e social, sem, contudo, fazer uma abordagem estereotipada de que esses estudantes não gostam de ler, principalmente literatura, ou de que não valorizam a cultura, ou, ainda, de que não gostam de escrever. Entendemos, assim, que os contos de Rubem Fonseca, podem ampliar os sentidos da leitura e, conseqüentemente, a capacidade desses estudantes de produzir textos mais elaborados e críticos.

As propostas que serão apresentadas neste caderno são sugestões de como abordar a leitura literária na EJA, dessa forma, a organização é flexível, de acordo com o interesse comum da turma, a fim de se alcançar os objetivos aqui propostos. Portanto, é fundamental, primeiramente, identificar aspectos da cultura dos estudantes, tais como experiências, preferências, hábitos, anseios, medos e desejos, para, então, selecionar o texto literário e as estratégias de organização dos círculos de leitura.

Enfim, este Caderno se divide em cinco Capítulos:

1. Introdução
2. O leitor da EJA – algumas particularidades
3. Rubem Fonseca e os círculos de leitura na EJA
4. Sobre o círculo de leitura: caminhos possíveis
5. Os círculos de leitura na EJA





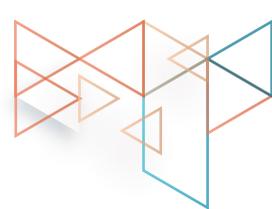
O leitor da EJA — Algumas particularidades

A função equalizadora da EJA é uma das diretrizes curriculares dessa modalidade e para promover a igualdade de oportunidades na sociedade brasileira, sabemos que muito mais deve ser realizado para se alcançar tal objetivo. Portanto, se a EJA é a modalidade que assegura o direito à leitura do adolescente, do jovem e do adulto que não teve a oportunidade de estudar na idade certa, é mister que as práticas de leituras oferecidas pela escola a esses estudantes estejam conectadas com as práticas sociais de acordo com a diversidade dessa modalidade de ensino.

Considerando, sobretudo, os discentes da EJA como seres histórico-sociais, é necessário lhes garantir o acesso aos direitos de aprendizagens a fim de que sejam capazes não apenas de compreender a realidade, mas que seja desvelado para eles o mundo da opressão em que vivem e que essas aprendizagens lhes capacitem a usar a leitura nas mais diversas situações.

O desafio de formar leitores na modalidade EJA é ainda maior do que é no ensino regular, uma vez que esses estudantes, muitas vezes, trazem em sua história escolar anos de exclusão da sociedade. Somando-se as várias outras faltas de acesso desses sujeitos, acrescentamos a leitura literária vista, por muitos, como uma prática elitista, entretanto, todos os cidadãos têm direito a ela, como prevê a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), sancionada em 12 de julho de 2018, (BRASIL. Lei n. 13.696).





Esta Lei garante a estratégia de promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas públicas no Brasil. A conhecida Lei Castilho justifica a prática de leitura literária na modalidade de educação destinada aos jovens e aos adultos, uma vez que tanto a escola como a Política Nacional de Leitura e Escrita objetivavam a formação de leitores na sociedade brasileira.

Lei Castilho



Castilho (no meio) e Volnei Canônica, então diretor do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do MinC, entregando o projeto de lei à senadora Fátima Bezerra em maio de 2016. | Assessoria do Gabinete da senadora.

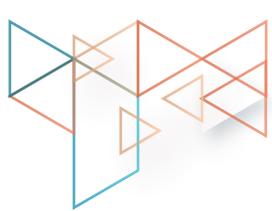
A Lei n. 13.696 foi sancionada como Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE) em 12 de julho de 2018, (BRASIL.). Ela é resultado do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), vinculado aos Ministérios da Cultura e da Educação, criado em 2011, no governo da Dilma Roussef e tem como estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no Brasil.

O anteprojeto dessa Lei foi apresentado pelo então Secretário Executivo do PNLL José Castilho Marques Neto, razão pela qual a lei recebe o nome de Lei Castilho, à senadora Fátima Bezerra (PT / RN), apresentando-o ao Congresso em maio de 2016. Em 2018, ele recebe o autógrafo presidencial do Michel Temer, passando a ser o instrumento fundamental para o avanço do Brasil na implementação de políticas públicas para a democratização do acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas.

Devido às diversas mudanças que o país vem sofrendo nos últimos quatro anos, até o momento, a sociedade brasileira aguarda a efetivação do ato conjunto, entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação como está previsto no art. 6º desta lei: “o ato conjunto do Ministério da Cultura e do Ministério da Educação regulamentará o disposto nesta Lei” (BRASIL. Lei n. 13.696).

Acesso em 7/08/22 ao site <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/07/13/temer-assina-lei-castilho>





Mesmo sendo a escola o local em que esse estudante tem acesso à leitura, a organização das diretrizes curriculares não favorece tal prática. Na maioria das vezes, a escola prioriza os gêneros discursivos utilitários do cotidiano que circulam na sociedade em detrimento à leitura literária, visto que para os estudantes da modalidade EJA, em geral, a tônica da escola é sobre o trabalho e o preparo desse discente para conseguir um emprego ou uma promoção na empresa em que trabalha.

Gêneros discursivos no ensino de línguas

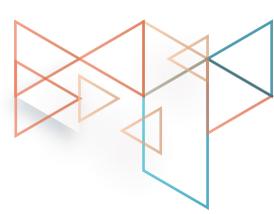
Partimos do conceito de gênero discursivo fundamentado em Bakhtin (1992), para quem toda produção de linguagem, ou enunciado, seja por meio da fala ou da escrita, está condicionada pelas circunstâncias que envolvem a comunicação, a finalidade comunicativa, a temática, o contexto de produção e a circulação.

Os gêneros discursivos, portanto, estão presentes no cotidiano das pessoas por todos os lugares em que estão materializados em textos, orais ou escritos, que circulam na sociedade. O teórico ainda, em sua obra *Estética da Criação Verbal* (1992) afirma que os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados presentes nas trocas comunicativas conforme as circunstâncias da fala.

Bakhtin (1992) classifica os gêneros discursivos como primários e secundários. Em que os primários são os mais simples, relacionados, principalmente, com a oralidade, sendo o diálogo a forma mais clássica de comunicação, é nele em as ideologias cotidianas estão presentes. Os gêneros discursivos secundários representam os mais complexos, são eles: romance, conto, crônica, artigo de opinião, manuais de instrução, textos científicos, oficiais, publicitários, a redação escolar, entre outros.

A Base Nacional Comum Curricular preconiza que os professores de línguas devem trabalhar com os mais variados gêneros discursivos em sala de aula para que os alunos conheçam um repertório diversificado de textos, suas condições de produção e suportes de circulação na sociedade. Por essa razão, os professores de Língua Portuguesa acabam concentrando mais esforços no ensino daqueles gêneros que julgam mais pertinentes à modalidade, levando em consideração o critério mercado de trabalho.





Entretanto, entendemos que o texto literário pode ser uma ferramenta fantástica para esses estudantes. Todavia, não se trata de um leitor comum que simplesmente decodifica, mas um leitor especial, exigido de uma perspectiva cultural. Diante disso, vimos a necessidade de nos engajarmos em uma proposta de intervenção pedagógica em que junto aos estudantes pudéssemos propor estratégias de leitura que atendessem às especificidades desses leitores, ou seja, estratégias que os auxiliem a desvelar, na leitura, a possibilidade do entretenimento, do belo e do encantamento, como também a enxergar as complexas e contraditórias relações sociais por meio da literatura.

Diante disso, compreendemos que se faz necessário propor situações que ampliem as experiências leitoras dos estudantes da EJA, valorizando as diversas formas de linguagens que esses estudantes já possuem, possibilitando o desvelamento do mundo a sua volta a partir da leitura e expandindo os seus repertórios por meio da conscientização das realidades que constituem sua vida social.

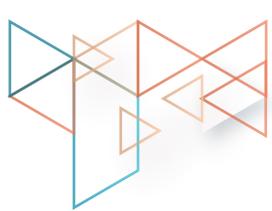
Nesse aspecto e pelo potencial humano presente nos textos literários, entendemos que é possível estabelecer práticas literárias, no contexto da aula, com os estudantes da EJA. A afirmação de Candido (2011, p. 176), “[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela” endossa a nossa perspectiva da leitura literária nessa modalidade de ensino.

Portanto, essa singularidade faz com que o trabalho com a leitura seja ainda mais urgente. Assim, pensando no público da EJA, que já traz as vivências do mundo adulto, o contato com a obra literária deve ser estimulado e ampliado na escola.

O desafio de estruturar as estratégias de leitura com os estudantes da EJA, no contexto das aulas, é ainda maior quanto ao ponto de vista da didática a ser adotada para as ações. Portanto, a fim de seguir o percurso traçado para esta prática pedagógica, fundamentamo-nos no processo educativo Crítico-Liberador do Freire (1987) que parte do encontro dialógico entre estudantes.

Além disso, os contos devem trazer para o círculo de leitura a humanidade, tomando o centro da cena e deve envolver o estudante da EJA, esse que é invisibilizado pelo sistema e excluído da sociedade, dando-lhe condições de chegar à produção de sentido dos textos, humanidade se materializando sob a forma de diálogo, de forma que o estudante formule a sua contrapalavra, ao mesmo tempo em que exercita a sua autonomia na fala durante o círculo.





Sem a pretensão de esgotar o leque de ações, esta proposta didático-pedagógica apresenta situações que ampliam as experiências leitoras dos estudantes da EJA, valorizando as diversas formas de linguagens que esses estudantes já possuem, possibilitando o desvelamento do mundo a sua volta, a partir da leitura e expandindo os seus repertórios por meio da conscientização das realidades que constituem sua vida social.

Nessa perspectiva, a Literatura é adotada como meio de interlocução entre os sujeitos, fundamentando-se, ainda em Bakhtin que vê “O discurso como meio (língua) e discurso como assimilação. O discurso assimilador pertence ao reino dos fins. A palavra como fim último (supremo).” (BAKHTIN, 2017, p. 24).

Pensando em uma estrutura para materializar o processo de ensino freiriano previsto para a prática de leitura de adolescentes, jovens e adultos, tendo a realidade concreta por mediadora do conhecimento e a metodologia de trabalho com a linguagem bakhtiniana, buscamos uma estrutura organizacional em que se possa utilizar para a aplicação da intervenção pedagógica.





Rubem Fonseca e os círculos de leitura na EJA

Para esta unidade didática trazemos, portanto, como fio condutor, os contos do Rubem Fonseca, pois eles representam de forma contundente e questionadora a realidade em que a sociedade vive e apresentam elementos estilísticos e semânticos em sua edificação que possibilitam a construção da criticidade dos estudantes.

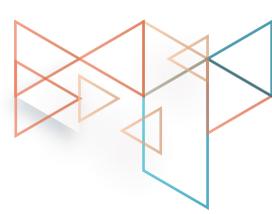
A escolha por esse escritor se dá devido à contemporaneidade da sua escrita, aos diálogos estabelecidos com a sociedade por meio dos temas abordados em sua ficção e pelas condições sociais vividas por seus personagens. Acreditamos que o dialogismo e a alteridade, esses conceitos serão abordados mais adiante, entre os contos e a realidade do estudante possam despertar o processo de desvelamento da sua realidade e buscar a transformação social.

Dialogismo e Alteridade

Dialogismo

Para Bakhtin (1992) os enunciados (ou discursos) não são estáveis, ou seja, eles não são prontos e acabados em si mesmos, eles mudam à medida que se transformam e em que são produzidos os diálogos. Desse modo, há o inacabamento dos sentidos das palavras do texto aguardando sentido entre falante/autor e ouvinte/leitor.





Conforme a teoria bakhtiniana da enunciação, a palavra se realiza dentro de um contexto socioideológico, cujos envolvidos da ação são produtores de uma réplica do diálogo, que é produzido socialmente. Logo, nesse aspecto, pelo discurso perpassa a dialogia, pois há uma apropriação, por parte dos falantes de outros enunciados já social e historicamente construídos.

Como a linguagem e a interação caminham juntas há uma contínua constituição da linguagem, em que os sujeitos históricos, os atores: o locutor e o interlocutor, fazem parte da constituição enunciativa, em um espaço e tempo, tornando-se uma atividade discursiva concreta. Nesse aspecto, fica evidente o caráter social e coletivo da linguagem, logo a fala se encontra com a fala de outro e participa junto com ele de uma interação viva. Essas falas, ou enunciados, são diálogos no processo de comunicação, assim, no dialogismo, as relações de sentido se estabelecem entre dois enunciados.

A esse respeito Brait (2011) afirma que o dialogismo nem sempre é simétrico nem harmonioso, configurando comunidade, cultura e sociedade diferentes, segundo a autora, é nesse aspecto que é possível identificar o dialogismo como elemento interdiscursivo da linguagem.

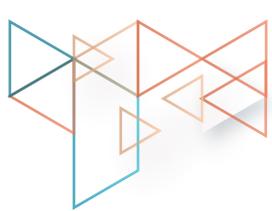
Alteridade

A gênese do conceito bakhtiniano de alteridade está em que o “Eu” para existir depende do Outro, o “Eu” não existe individualmente, como razão de existência para o Outro. Todo enunciado, então, é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo.

A alteridade, portanto, para Bakhtin, é um processo dialógico que tem como elemento comum o discurso. Os sujeitos são constituídos social e historicamente a partir de outros discursos existentes e que circulam na sociedade e na cultura, com isso não existe um discurso adâmico ou original, uma vez que todo discurso é atravessado pelo discurso do outro.

Nessa concepção, a alteridade que institui o reconhecimento do outro como legítimo interlocutor para a experiência de sair do lugar de saber mais sobre outros mundos, outras realidades para a possibilidade de abrir-se ao encontro com o outro, ter acesso à experiência que é do outro e assim poder





reconhecer-se nela. Tal perspectiva nos faz esperar que os estudantes da EJA possam, nos círculos de leitura, aprender a compartilhar concepções, conhecimentos, experiências e que por meio da leitura literária possam enxergar as vozes reverberadas.

Sendo o discurso, nas interações sociais, carregado de ideologias e julgamentos, conforme assegura Bakhtin, as metodologias propostas para esta unidade didática buscam a compreensão do confronto de ideias que surgem, bem como avaliar os contextos dos enunciados de cada um dos sujeitos participantes da pesquisa, a fim de construir os sentidos para os fenômenos que serão vivenciados. Ou seja, durante o círculo de leitura, o professor deve estar atento à fala dos estudantes, pois elas representam possibilidades de novos ensinamentos.

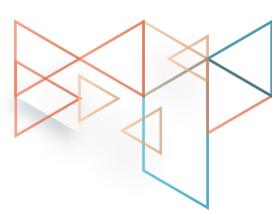
Círculo de Cultura

Nos anos 60, Paulo Freire passa a ser uma referência para a educação de adultos no Brasil, devido a sua experiência com alfabetização de adultos, é nessa época que as discussões sobre analfabetismo ganharam espaço no Brasil e trouxeram ao cenário educacional uma reflexão sobre as metodologias utilizadas na alfabetização de adultos.

O círculo de cultura, portanto, surge quando Paulo Freire cria um método para alfabetizar jovens e adultos, a partir do qual trocava as cartilhas e livros pelo trabalho com a linguagem usada na comunidade e pela discussão das experiências de vida dos participantes das aulas. É a partir desses encontros propostos pelo método freiriano, ou seja, o círculo de cultura, que o educador passa a conhecer a cultura e o universo vocabular da comunidade, encontrando nesse contexto as palavras geradoras. O círculo de cultura, portanto, tem o principal objetivo de identificar as situações limites vividas pelo coletivo, para que a partir daí seja possível propor os conteúdos dos quais sejam necessários aos estudantes, conforme a verificação no círculo.

Esse método tornou-se conhecido em todo o Brasil, principalmente, quando Paulo Freire, em 1964, assumiu a coordenação do Programa Nacional de Alfabetização. Nessa ocasião, o educador propõe uma formação de jovens





e adultos críticos e participativos, visando à transformação social, pois de acordo com os princípios do método freiriano, o jovem ou o adulto primeiro se conscientiza para depois alfabetizar-se. Entretanto, com os militares no poder, Paulo Freire foi considerado subversivo e fora exilado do Brasil, causando, assim, prejuízos às ações alfabetizadoras implementadas na época.

Para os encontros dos círculos de leitura propomos algumas indicações teóricas sobre o conceito de Bajour (2017), bem como conversas na perspectiva dialógica apoiada em Bakhtin (2003). Durante o percurso, os espaços para a leitura literária de contos são para estimular a postura crítica do estudante frente ao texto e à sua própria vida.

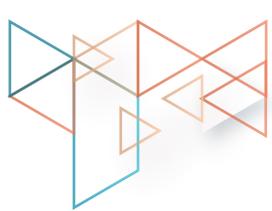
O conceito de círculo de leitura segundo Cecilia Bajour

O círculo de leitura para Bajour (2017) constitui um ambiente acolhedor e confortável, onde as conversas sobre os livros lidos fazem parte do ato da leitura. Para a autora, durante o diálogo das leituras realizadas, também é um momento em que se rele o texto, sendo assim, é possível, por meio do círculo de leitura, permitir aos adolescentes, jovens e adultos compreenderem os sons de suas interpretações e as possibilidades de sentido do texto literário. A autora fala em colocar para fora para os outros, seja pelas melodias advindas da leitura, seja pela percepção de ausência de ruídos ou silêncio que os textos possam suscitar.

Esse ato de “pôr para fora”, mencionado pela autora, oportunizado dentro do espaço escolar da Educação de Jovens e Adultos, por exemplo, é uma forma de falar as suas hipóteses atribuídas ao sentido do texto literário, assim, à medida que exercitam a crítica, a reflexão e a conscientização de suas realidades concretas, ele se dá conta dos grupos opressores da sociedade e a realidade passa a ser desvelada para eles. Entendemos que o círculo de leitura pode contribuir para o desvelamento das causas opressoras da comunidade e como podem superá-la, vindo a inserirem-se na luta pela mudança social. Ao que Freire (1987) afirmava que a Educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo.

Portanto, o diálogo e a escuta do texto literário, além de aproximarem os estudantes da literatura, também retornam a palavra ao estudante, sujeito de seu dizer, e visa romper com a prática do silenciamento dos discentes,





tão típica do ensino tradicional. A democratização da fala, no círculo de leitura, é uma característica própria dessa prática, garantindo a participação dos estudantes.

Desse modo, o círculo de leitura para Bajour (2017) seria uma espécie de refúgio, uma maneira de resistir à invisibilidade dos estudantes, segundo Bajour (2017, p. 20) “[...] em contextos marcados pela exclusão ou por diversas formas de violência, reais e simbólicas, no balanço entre o dizer e o calar geralmente predomina o refúgio, como resistência ou como alienação da própria palavra.” Ao recuperar o seu direito de fala, por meio das vozes que reverberam no texto literário, o estudante entende que por meio dela, a fala, é possível reagir à alienação a que constantemente são submetidos.

Não há como não repetir que ensinar não é a pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há também como não repetir que partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto a outro e não ficar, permanecer (FREIRE, 1992, p. 70).

Desse modo, o trabalho com os círculos vai para além da pura transmissão do conhecimento sistematizado. Distanciando, assim, das práticas tradicionais de ensino pouco relevantes para pessoas cujas vidas já são marcadas pela dificuldade de acesso e pela falta de recursos próprios, o professor, então, deve adotar metodologias que priorizam o diálogo, tendo a realidade concreta como mediadora durante o processo, conforme Freire (1992) propôs.

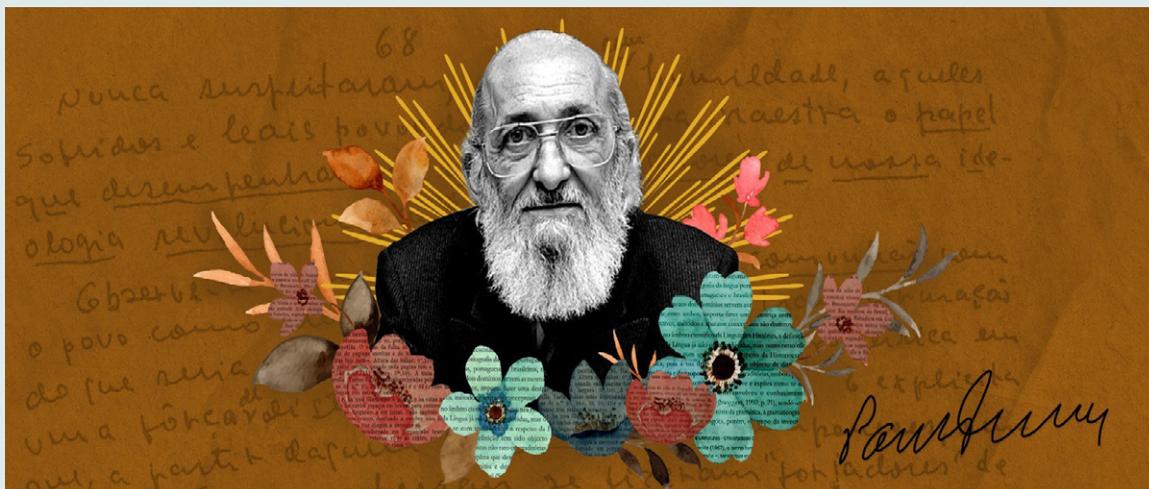
Diante disso, o desafio de estruturar as estratégias de leitura com os estudantes da EJA, no contexto das aulas e dos possíveis espaços, sem sombra de dúvidas, é ainda maior quanto ao ponto de vista da didática a ser adotada para essas ações.

Diante desses pressupostos, para seguir o percurso traçado para a prática pedagógica intencionada aqui, torna-se necessário fundamentar as ações com o processo educativo Crítico-Libertador de Freire (1987) que parte do encontro dialógico entre estudantes e professor, conforme Freire (1987, p. 9) afirma, “mediados pela realidade concreta” para a verificação das situações limites dos estudantes.





A concepção do processo educativo Crítico-Libertador



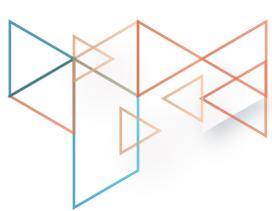
Na perspectiva do processo educativo Crítico-Libertador, o professor é o problematizador das situações opressoras, o provocador, um indicador de hipóteses, é aquele que se pronuncia no grupo. Assim, o estudante aprende a questionar, a sistematizar o seu pensar e aprende sobre a realidade da vida, construindo as suas opiniões. Por outro lado, o papel do estudante é a ação-reflexão que se dá no mundo e sobre ele. Entendemos que, a partir dessa dinâmica, o estudante constrói a sua prática de leitura com uma visão crítica sobre aquilo que lê, o que Freire (1987, p. 12) chama de “superação da visão ingênua”.

Uma vez que as pessoas carregam consigo experiências de vida é impossível separar a realidade da absorção de conteúdo. Dessa forma, a proposta pedagógica busca partir das vivências dos estudantes, pois concordamos com o questionamento de Freire (1987, p. 34): “Por que não estabelecer certas intimidades entre os saberes curriculares fundamentais às/aos discentes e a experiência social que elas/es têm como indivíduos?”

Assim sendo, antes do círculo de leitura acontecer, em toda a sua estrutura, é necessário ouvir os estudantes e entender o grupo e suas necessidades, a sugestão para essa prática é a realização de um Círculo de Cultura de Freire (1967, p. 07).

Para o autor, é impossível que se ignore a liberdade do indivíduo e sua capacidade crítica. Nas palavras dele, “[...] o ponto de partida para o trabalho no círculo de cultura está em assumir a liberdade e a crítica como o modo de ser do homem.” (FREIRE, 1967, p. 07). No círculo, as situações limites vividas pelo coletivo são identificadas e, a partir daí, torna-se possível propor aos estudantes a prática de leitura, cujo texto literário atenda às expectativas deles.





No Círculo de Cultura, a partir da fala dos estudantes, é possível identificar os obstáculos que a comunidade possui e quais comprometem a dignidade coletiva. As situações limites recorrentes na fala do grupo são ouvidas, listadas e a partir disso é possível, por exemplo, selecionar o texto literário a ser lido de forma democrática para em seguida organizar o círculo de leitura.

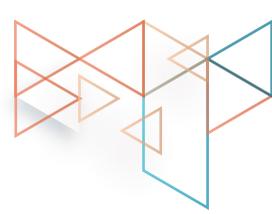
Essas situações-limite, conforme Freire (1967), são aquelas que trazem em si o impedimento do desenvolvimento da dignidade humana coletiva e individual, ou seja, são as situações críticas que as pessoas estão vivendo, ou a realidade concreta do sujeito, logo são elas que devem nortear as ações do percurso pedagógico. Portanto, a problematização da realidade desses estudantes promove o protagonismo popular.

Por meio da problematização da realidade dos estudantes durante o círculo de cultura, eles são conduzidos a fazerem uma análise de suas realidades e podem superar a visão ingênua a respeito dela. Dessa forma, sugerimos que os círculos de leitura sejam organizados a partir dos temas levantados no círculo de cultura. Assim propomos também uma organização dos círculos de leitura que construamos a partir de Paulo Freire, Antônio Candido, Mikhail Bakhtin e Cecília Bajour.

Sob tal ótica para esse procedimento de trabalho os objetivos a serem perseguidos devem ser significativos para os estudantes, entendendo que eles não representam algo estanque e acabado. Por isso, ao propor o círculo de leitura temos como propósito principal a formação de leitores, cuja postura crítica diante do texto seja evidenciada tanto na sua própria vida como na comunidade em que está inserido, tendo em vista a superação da realidade opressora. Compreendemos, também, que várias outras possibilidades vão se constituindo ao longo do processo, tais como:

- Compartilhar experiências;
- Desenvolver o gosto pela leitura de contos;
- Valorizar a leitura literária como experiência estética;
- Compreender as práticas de linguagem como produtos culturais, portadores de valores, interesses, relações de poder e perspectivas de mundo que estruturam a vida humana;
- Experimentar, conhecer e apreciar diferentes obras literárias, compreendendo-as como produções culturais dinâmicas e diversificadas;





- Desenvolver capacidades leitoras;
- Incentivar a leitura de obras literárias na EJA.

Dessa forma, a busca para pôr em prática atividades de leitura apropriadas às histórias de vida desses estudantes, além de contribuir para o desenvolvimento das habilidades leitoras e da compreensão do conto, há a responsabilidade, como escola, de formar esses sujeitos para que sejam capazes de ler o seu próprio mundo de forma mais crítica, enxergar a sua realidade e conscientizar-se dela, afinal uma educação de qualidade é pautada na inclusão social e autonomia crítica.

Após a conclusão de todas as etapas do círculo de cultura, a obra deve ser escolhida, seja na íntegra ou uma seleção por gênero discursivo, tais como contos, crônicas, carta, de acordo com a maturidade leitora do estudante. Também há a possibilidade de cada estudante escolher a obra literária de seu interesse ou, ainda, uma única obra para todos, conforme for a decisão do coletivo. Vale ressaltar que essa escolha, além de democrática, deve criar expectativas nos leitores, como também, o professor deve acompanhar e monitorar as leituras de seus estudantes.

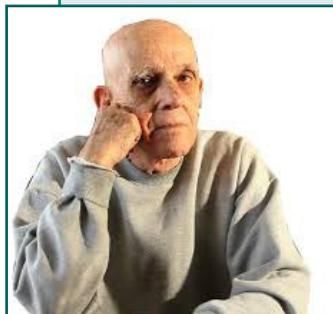
As atividades podem, por exemplo, acontecerem durante duas ou três aulas de cinquenta minutos, com intervalos mínimos de uma semana e no máximo duas semanas. À medida do possível, os espaços escolares diversificados devem ser explorados a cada encontro para leituras ao ar livre, no pátio, na sala de aula, no laboratório de informática, no refeitório, na biblioteca ou ainda em algum espaço da cidade. Esse movimento é importante, pois os estudantes se veem lendo e a escola como um todo testemunha a ação, dando visibilidade à prática de leitura.

Partindo desses princípios, a metodologia que exemplificaremos nesta proposta didática utiliza-se dos contos do Rubem Fonseca como fio condutor, em que cada conto selecionado contempla um tema a ser explorado no momento da reflexão e da ampliação dos sentidos do texto, durante os círculos de leitura.

Dessa forma, o primeiro encontro deve ser destinado para explicar aos estudantes e demais professores da escola que se interessam em participar dessa proposta como serão realizados os círculos de leitura, de preferência com um cronograma com data, local e conto a ser lido em cada encontro. O conto deve ser entregue com certa antecedência, a fim de que os estudantes possam ler em casa se desejarem, ou o professor pode estabelecer como critério a leitura antecipada.



Um pouco sobre a vida de Rubem Fonseca



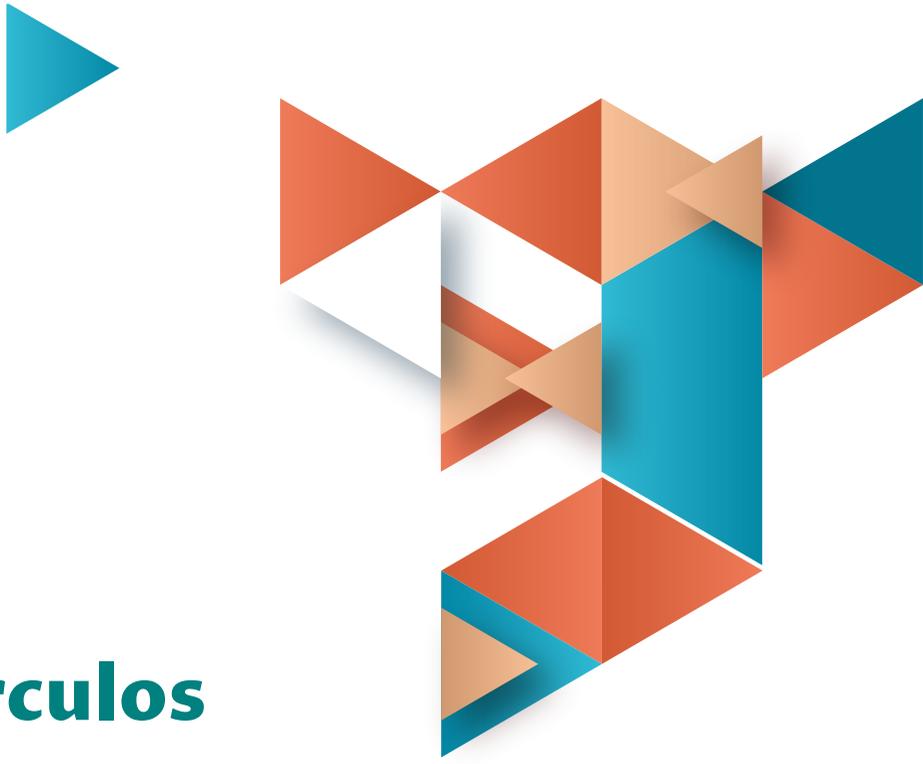
José Rubem Fonseca mineiro nascido em 11 de maio de 1925, na cidade de Juiz de Fora, vindo a falecer no dia 15 de abril de 2020, no Rio de Janeiro. Formado em ciências jurídicas e sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1952 iniciou o seu trabalho como comissário, função que lhe deu inspiração para a maioria das suas personagens mais marcantes.

Ele é contista, romancista, ensaísta e roteirista, a sua estreia literária se deu em 1963, quando passou a dedicar-se inteiramente à literatura. Com um estilo, predominantemente, direto e seco em suas obras, ele retrata a violência no contexto urbano onde seus personagens, marginais, assassinos, prostitutas, miseráveis e autoridades da lei circulam, inseridos em uma sociedade repressora e complexa.

As primeiras obras do autor iniciam em 1964, ano do golpe militar no Brasil, quando uma coletânea de contos é publicada com o título: *Os prisioneiros*, seguida por *A Coleira do Cão* (1965) e *Lúcia McCartney* (1969). Nesses livros os personagens ainda se adequam às mudanças sociais da época, personagens ingênuos e sonhadores. É com a obra *Feliz Ano Novo*, publicada em 1975, que o autor dá vida aos personagens marginais como reflexo da violência no Brasil na década de 70, em 1976 a obra é censurada, voltando a circular somente em 1989. Outro livro de contos igualmente importante é *O cobrador* (1979) que também pertence a esse período.

As demais obras são: *O Caso Morel* (1973), romance; *O Homem de Fevereiro ou Março* (1973), antologia; *A Grande Arte* (1983), romance; *Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos* (1988), romance; *Agosto* (1990), romance; *Romance Negro e Outras Histórias* (1992), contos; *O Selvagem da Ópera* (1994), romance; *O Buraco na Parede* (1995), contos; *História de Amor* (1997), contos; *A Confraria dos Espadas* (1998), contos; *O Doente Molière* (2000), romance; *Pequenas Criaturas* (2002), contos; *Ela e Outras Mulheres* (2006), contos e *Axilas e Outras Histórias Indecorosas* (2011), contos.

Os contos que selecionamos para trabalharmos encontram-se no livro *Contos Reunidos* de Rubem Fonseca.



Sobre os círculos de leitura: caminhos possíveis

Antes de apresentar cada encontro proposto com os contos escolhidos, passamos a explicar teoricamente cada etapa do círculo, sem a intenção de passar normas rígidas, apenas um exemplo de como organizar um círculo de leitura:

Acolhimento

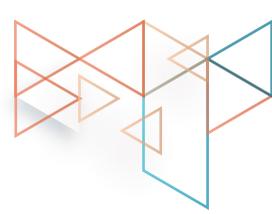
O acolhimento ocorre logo no início do encontro, o ambiente deve ser um lugar confortável, ele já deve estar preparado. Agradeça o envolvimento dos participantes com o círculo e a presença. É nesse momento em que as orientações do encontro são passadas para o grupo.

O professor deve ser receptivo, pois é nesse momento de acolhida que se estabelece conexão com o grupo. É importante, neste momento, apresentar alguma música, ou poesia, ou vídeo para que os estudantes possam ir se acalmando.

Memória

Neste momento do círculo é quando os estudantes são convidados para aquietarem-se, pois neste instante, inicia-se, por meio de perguntas, o direcionamento para o texto que será lido e discutido. É aqui que se realiza a prévia do





texto na perspectiva de suscitar no estudante o seu repertório de experiências, a fim de que possa mobilizá-lo para garantir a conexão com o texto literário.

O professor deve conduzir a conversa, de modo que os participantes resgatem as memórias afetivas ou não de algum aspecto da abordagem do texto, como os textos lidos já foram escolhidos a partir dos resultados do círculo de cultura, a temática já é conhecida ou vivenciada pelo grupo, assim o diálogo promovido nesta etapa do processo fará com que compreendam a importância do processo da apresentação das leituras. Por essa razão as perguntas são importantes

Compartilhamento

Este é o momento da leitura do texto literário, podendo fazê-lo por meio da leitura compartilhada do texto ou a leitura em voz alta. O professor também pode abrir para que os estudantes façam os seus comentários ou apreciação a respeito da obra.

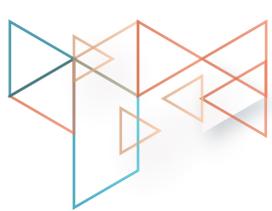
Este momento é para comentar, formular perguntas, fazer réplicas sem perder de vista, contudo, o objetivo de acompanhar os critérios de apreciação estética que cada aluno está desenvolvendo em suas leituras bem como o compartilhamento das impressões registradas que podem servir de estímulo para os demais em uma nova leitura.

Importante também comentar o livro lido com os colegas, expondo sua opinião e apresentando as razões pelas quais recomendam (ou não) a leitura;

Solidariedade

Uma vez que ficar apenas na problematização sem, contudo, buscar mudar a visão do contexto em que está inserido, ela se perde em si mesma, por essa razão é necessário explorar o seu potencial transformador. Nesta etapa, propomos que o debate sobre a leitura do texto seja direcionado para a comunidade da qual o estudante faz parte.





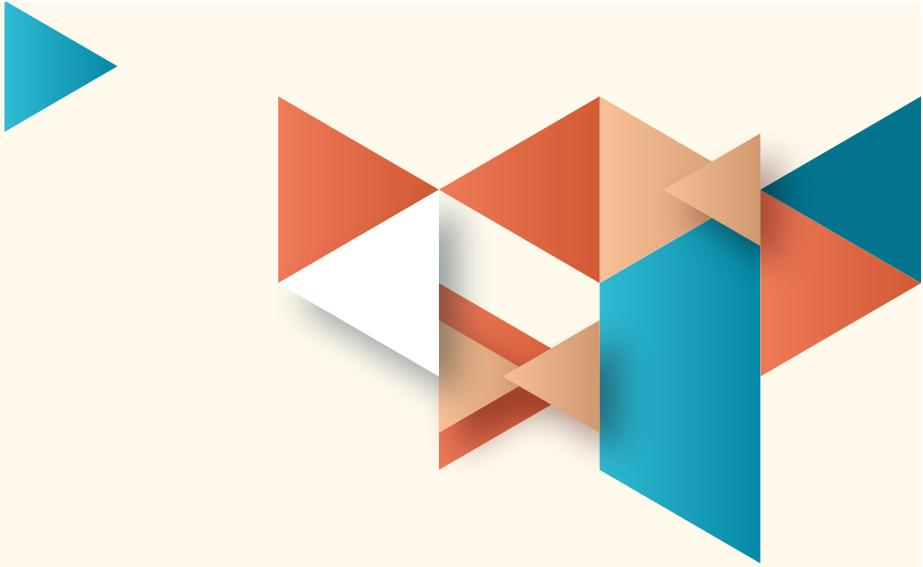
Resistência

Óbvio que a escola, a EJA ou meia dúzia de pessoas bem-intencionada não têm condições de mudar as estruturas sociais impostas no Brasil, mas que, ao menos, esses possam reafirmar essa consciência, seu “[...] saber-se vítimas resistentes, somando com seus processos coletivos por libertação”, nas palavras de Arroyo (2017, p.112).

Este, portanto, é o momento em que o estudante tem a oportunidade de elaborar por meio da escrita, ou oral, mesmo por meio da arte a consciência necessária diante da temática abordada no círculo de leitura.

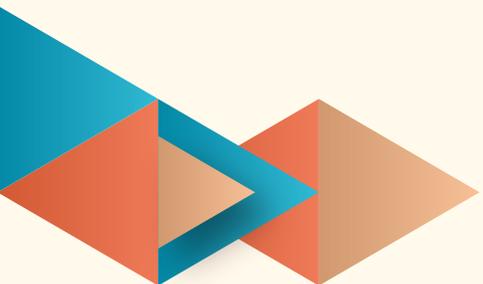
A seguir, apresentaremos algumas possibilidades pedagógicas para o trabalho com os círculos de leitura na EJA.

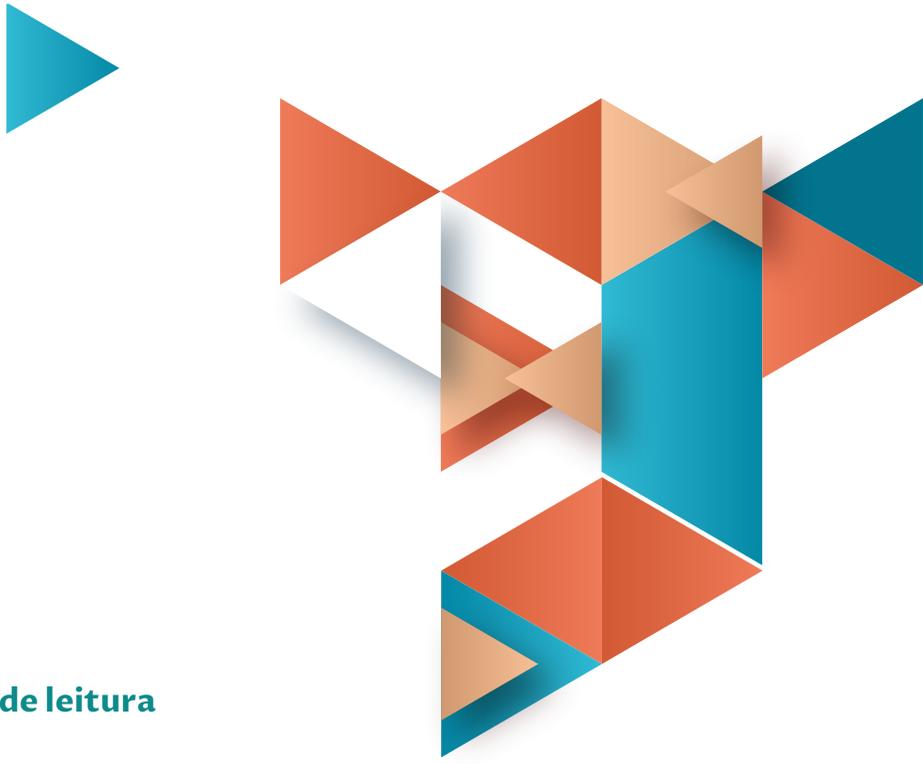




Os círculos de leitura na EJA

Propostas pedagógicas





1º Círculo de Leitura

Apresentação da proposta de leitura literária aos participantes

[...] A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Antonio Candido de Mello

Objetivo

Sensibilizar os participantes e a comunidade escolar para as práticas da leitura literária.

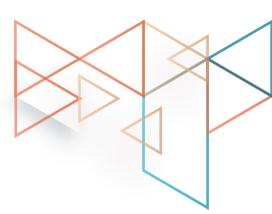
Tema do encontro

O direito à leitura literária.

Acolhimento

Recepcionar os estudantes no auditório da escola, acomodar a todos em seus lugares, agradecer a presença e o envolvimento de cada um com a proposta. Apresentar um vídeo curto para a conscientização sobre a leitura. Sugestão: *A importância da leitura*, encontrado no site (<https://www.youtube.com/watch?v=PYneRlePgAc>).





O professor ainda deve falar sobre a importância dos livros e do círculo de leitura e em seguida fazer a apresentação do autor que será lido, bem como o gênero discursivo conto e suas características. Espera-se que os estudantes compreendam o conceito de conto e o papel que os livros desempenham na vida das pessoas.



Acesso em 24/08/2022, no site <https://www.youtube.com/watch?v=PYneRlePgAc>

Memória

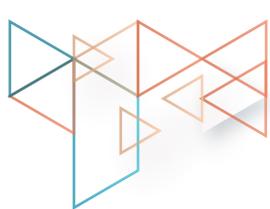
O professor poderá iniciar um diálogo com os estudantes por meio de questionamentos em que problematizam a leitura e a experiência de leitura de cada um. Perguntas tais como:

- Existe alguma história que foi contada para você quando criança que você guarda até hoje?
- Você costuma ler alguma história?
- Qual a sua história favorita?
- Você frequenta a biblioteca da escola?
- Você já leu algum livro de contos, ou crônicas, ou poesias?

Compartilhamento

Momento de conversa e discussão sobre a leitura e o conceito de literatura bem como maior explanação sobre o autor e a sua obra, o professor pode fazer a sua apresentação com o auxílio de slides, mantendo o diálogo com o grupo sobre o assunto abordado e a discussão sobre a importância da literatura na sala de aula.





Solidariedade

Demonstrar por meio de vídeo o poder transformador da literatura. Mostrar o vídeo *A importância da leitura para o desenvolvimento intelectual*, um recorte do filme *Mãos talentosas*. Enfatizar o quanto a leitura é importante para o indivíduo, mas também para a comunidade da qual o sujeito faz parte.

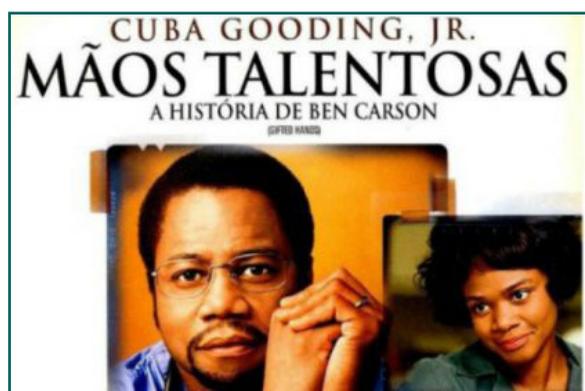


Acesso em 24/08/2022, no site <https://www.youtube.com/watch?v=6N8Kws7d8cg>

Resistência

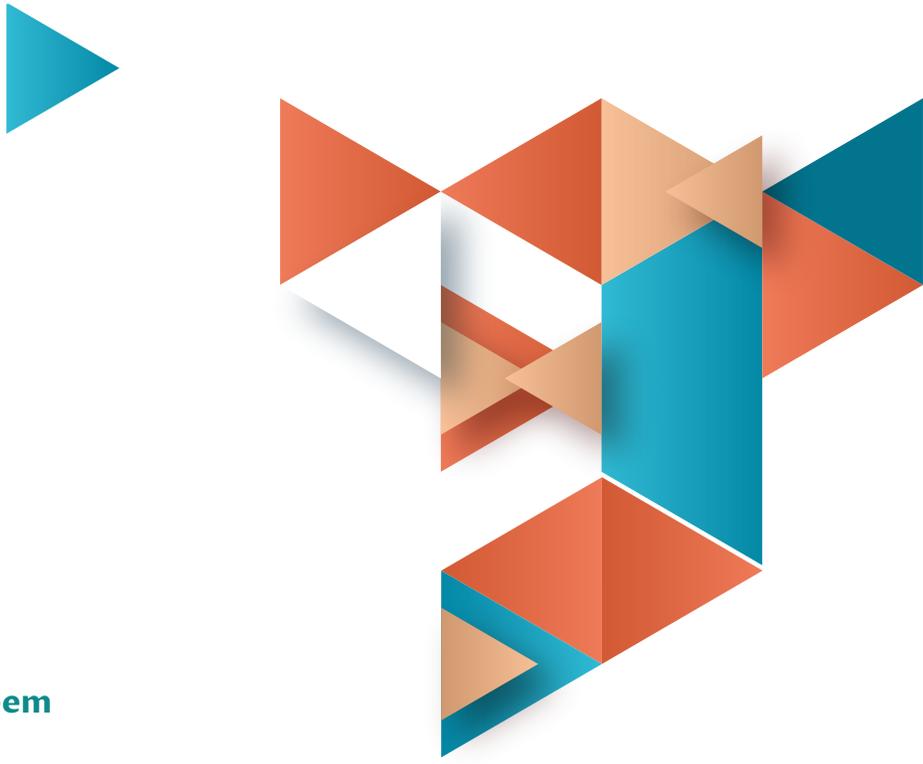
O professor compartilha com os participantes do círculo a “Caixa do incentivo”, onde há papéis com pequenos trechos escritos de falas das celebridades ou escritores conhecidos por eles, incentivando à leitura. Cada participante tira de dentro da caixa um papel e compartilha o trecho com os colegas.

Sugestão de filme



Duração: 1h 26min / Drama, Biografia
Direção: Thomas Carter
Roteiro: John Pielmeier
Elenco: Cuba Gooding Jr., Kimberly Elise, Aunjanue Ellis
Título original Gifted Hands: The Ben Carson Story





2º Círculo de Leitura

Pesquisa sobre o autor Rubem Fonseca e a sua obra

Ler nos torna melhor. Permite que a gente entenda melhor o outro. E permite que a gente entenda melhor a nós mesmos.

Rubem Fonseca

Objetivo

Conhecer o autor e sua obra.

Tema do encontro

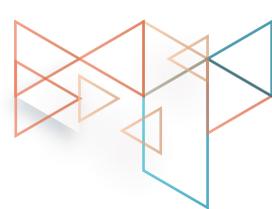
Vida e obra de Rubem Fonseca.

Acolhimento

O laboratório de informática já deve estar preparado para receber o grupo. O professor dá as boas-vindas aos estudantes, sempre parabenizando pela dedicação de cada um e por participar dos círculos de leitura.

Neste momento pode apresentar um poema ou uma música ou um vídeo curto para dar as boas-vindas aos participantes, incentivando-os a continuarem firmes no propósito que abraçaram. Sugerimos a reportagem que se encontra no site <https://memoria.ebc.com.br>, o vídeo mostra o escritor participando da inauguração da biblioteca, que recebe o seu nome, da linha quatro do Metrô do





Rio e, em uma rara aparição, o próprio Rubem Fonseca incentiva aos funcionários para a prática da leitura.



Acesso em 24/08/2022 no site <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2020/04/ler-nos-torna-melhor-disse-rubem-fonseca-saiba-mais-do-autor-que-morreu-aos-94-0>

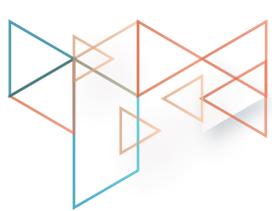
Memória

Na sequência da celebração de boas-vindas, já aproveitando o material exibido no primeiro momento, o professor deve incentivar os estudantes a lembrarem de algum escritor de que já ouviram falar e o que conhecem dele. Perguntar se já ouviram falar sobre Rubem Fonseca. Depois dessa prévia, propor a pesquisa sobre a vida e a obra desse autor. Os seguintes assuntos são sugeridos: vida, obras, crônicas e verificar se há alguma relação da vida ou obra com o Espírito Santo, depoimento de leitores e prêmios recebidos.

Compartilhamento

Com as informações a respeito do autor em mãos o grupo compartilha as informações que acharam mais importantes no grupo e faz seus comentários. Sondar quais títulos de obra que chamaram a atenção deles e qual obra se interessaram em ler. Previamente o professor deve verificar na biblioteca da escola se existe algum exemplar do autor e passar essa informação a turma, se possível já fazendo uma sinopse da obra para incentivar o estudante a procurar o livro na biblioteca.





Solidariedade

Em seguida, os resultados das pesquisas devem ser socializados pelos estudantes. Nesse encontro, eles têm as primeiras impressões sobre o autor, bem como podem falar quais são as suas expectativas acerca da obra. Principalmente, o grupo deve refletir em que o autor dialoga com os temas que surgiram no círculo de cultura realizado antes de iniciar o círculo de leitura.

Resistência

Espera-se que, nesta etapa, os estudantes tenham consciência de que lerão um autor que contempla em sua escrita, a dor do indivíduo e as suas mazelas, assim como também escancara uma sociedade desigual e miserável, mas com potencial de transformação a partir da organização popular dos excluídos, esses que formam as minorias desse país.

Antes de finalizar o círculo entregar aos estudantes uma cópia do conto “O outro”, podendo ser encontrado no site <http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual/>. Os estudantes deverão ler durante a semana.





3º Círculo de Leitura

Leitura e discussão do conto “O outro”

Nada tenho a temer, exceto as palavras.

Rubem Fonseca

Objetivo

Ler e discutir o conto o “O outro”.

Tema do encontro

O preconceito entre as classes sociais representadas respectivamente pelo sujeito narrador, representante da classe dominante e o pedinte que o persegue, representante da classe dominada.

Síntese

O conto “O outro” compõe o livro *Feliz ano novo* (1975), ele trata da narrativa de um executivo que por trabalhar demais está apresentando alguns problemas de saúde, seu médico recomenda mudar o estilo de vida, com menos trabalho e caminhadas. Ele, então, inicia as pequenas caminhadas próximo ao escritório, passando a ser abordado diariamente por um sujeito. Depois de várias abordagens, o executivo decide se afastar do trabalho por ter a





sua saúde alterada pelos incômodos encontros. Um certo dia, próximo de sua casa, o executivo vê essa pessoa, causando extremo desconforto a ele, isso desencadeia um fim trágico do conto.

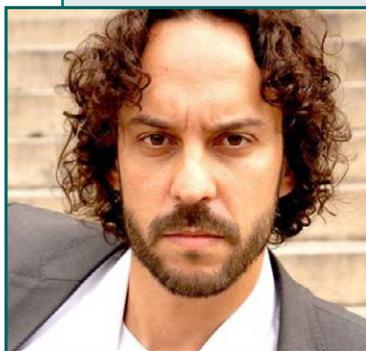
Acolhimento

A sala de aula deve estar organizada, confortável e aconchegante, as cadeiras devem ser colocadas em círculo. Se possível, deixar à disposição dos estudantes notícias impressas sobre a desigualdade social e econômica no Brasil e em lugares de fácil acesso dos estudantes para manuseá-las até que todos tenham chegado à sala. Dar as boas-vindas aos estudantes, entregar a letra da música “Palavras repetidas” do Gabriel o Pensador e exibir o vídeo (<https://www.youtube.com>), sensibilizando-os para as discussões sobre o tema do encontro.



Acesso em 05/08/2022, no site <https://www.youtube.com/watch?v=u5aecmLNUME>

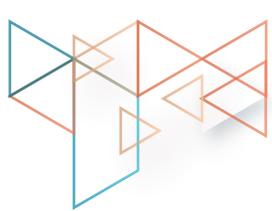
Sobre Gabriel o Pensador



Gabriel o Pensador nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de março de 1974, ele é um cantor e compositor brasileiro de rap.

Um dos maiores nomes do rap e pop brasileiro, Gabriel diferenciou-se de boa parte de seus pares (e chegou a ser criticado por eles) por ser garoto branco de classe-média. Mas desde o começo fez das letras de crítica social e moral, como acontece na música rap. No cenário da música, ele apa-





receu no fim de 1992, quando ainda era estudante de Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a música “Tô Feliz (Matei o Presidente)”.

A música “Palavras repetidas” foi gravada no sétimo disco, *Cavaleiro Andante*, em 2005. Neste trabalho, o *rapper* recriou “Pais e Filhos”, sucesso da Legião Urbana, em “Palavras Repetidas”. Essa canção ganhou dois prêmios no VMB de 2005, como melhor videoclipe de pop e melhor fotografia em videoclipe.

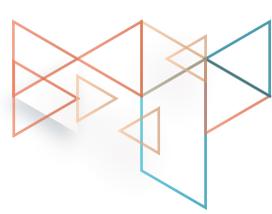
Memória

A partir da música do Gabriel Pensador, ouvida na etapa inicial do encontro, iniciar uma conversa sobre o preconceito por questões sociais e econômicas na sociedade brasileira. O site da G1, em uma reportagem sobre economia, apresenta dados do relatório assinado por Thomas Piketty em que aponta números sobre a concentração de riqueza no Brasil, o economista afirma que o topo da pirâmide cresceu no país num período de 15 anos e que o 1% mais ricos concentra 28% de toda a renda no Brasil, (<https://g1.globo.com/economia/noticia/1-mais-ricos-concentram-28-de-toda-a-renda-no-brasil-diz-estudo>), confirmando, assim, o histórico de pobreza que influencia a permanência das desigualdades no Brasil,

Esclarecer aos estudantes que quase um terço da renda está nas mãos dos mais ricos. A desigualdade se torna, ainda, mais chocante quando tomamos como base os 10% mais ricos no Brasil, nota-se que eles concentram 41,9% da renda total. Informar, sobretudo, aos alunos que a concentração de renda, no Brasil, possui uma série de causas, dentre as principais estão: privilégio das grandes empresas e do capital financeiro, baixos níveis de escolaridade e precarização do trabalho.

Após a contextualização da situação social e econômica da sociedade brasileira, iniciar a etapa da discussão do texto literário.





Compartilhamento

Neste momento de conversa e discussão sobre leitura do conto “O outro”, iniciar a conversa por meio de perguntas como:

- Qual foi a sua impressão sobre o conto?
- O que você sentiu durante a leitura do texto?
- Você concorda com a postura do locutor do texto? E a do pedinte no conto?
- Você já passou por essa alguma situação parecida com a do locutor do texto?
- Em quais momentos do texto o preconceito de classe fica evidente?
- O que você acha que levou o locutor do texto a fazer tudo que ele fez com o pedinte?
- Você acha que o problema que gerou o conto pode ter uma solução? Qual solução você daria?

Solidariedade

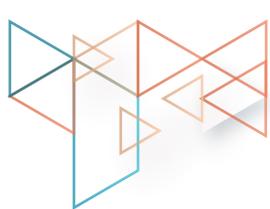
É possível provocar mudanças significativas na sociedade, por meio da educação, diminuindo preconceitos e estereótipos e tornando o Brasil mais humano, fraterno, justo e solidário, mas ainda assim não resolveria o problema da desigualdade social.

Resistência

Identificar, previamente uma árvore na escola, ou algum vaso de planta em que seja possível amarrar os cartões escritos pelos estudantes. Em seguida cortar cartolina colorida em cartões no tamanho de 20cm por 08cm. Depois, nesses cartões, os estudantes deverão escrever a resposta deles à pergunta da música do Gabriel o Pensador: “quais são as palavras que eu mais quero repetir na vida?” e em seguida deverão amarrá-los com barbante na “Árvore das palavras repetidas”.

Antes de finalizar o círculo entregar aos estudantes uma cópia do conto “Relato de ocorrência”, podendo ser encontrado no site <http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual/>. Os estudantes deverão ler durante a semana.





Para Saber Mais

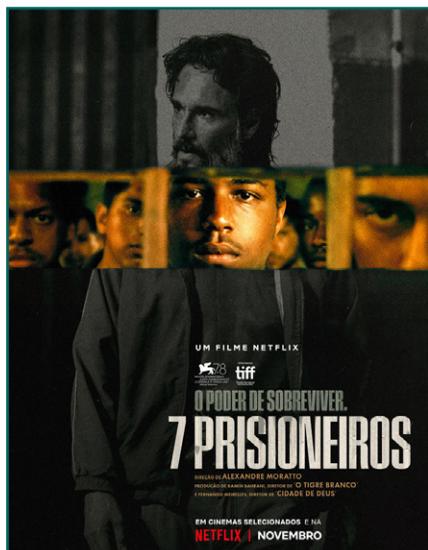
Demonstração de como pode ser feita a Árvore das palavras repetidas:



Estudantes do Segundo Segmento da EJA da EMEF Suzete Cuendet

Sugestão de filme

Sugerimos o filme, *Os Sete Prisioneiros*, longa que garantiu o prêmio Grande Otelo de melhor ator coadjuvante a Rodrigo Santoro. para ampliação do conhecimento dos estudantes para os argumentos nas discussões no círculo de leitura.



Ano: 2021

País: Brasil

Classificação: 14 anos

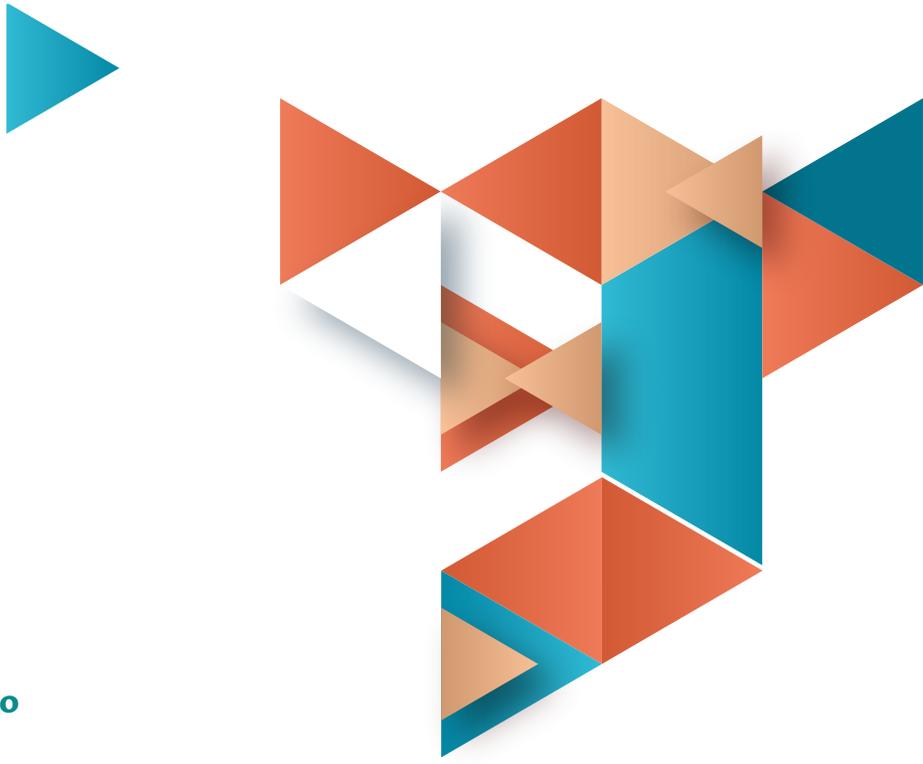
Duração: 96 min

Direção: Alexandre Moratto

Roteiro: Thayná Mantesso, Alexandre Moratto

Elenco: Rodrigo Santoro, Christian Malheiros, Josias Duarte, André Abujamra





4º Círculo de Leitura

Leitura e discussão do conto
“Relato de ocorrência”

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles.

Rubem Fonseca

Objetivo

Ler e discutir o conto o “Relato de ocorrência”.

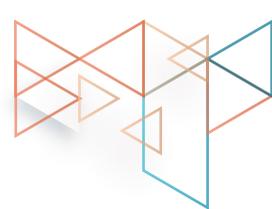
Tema do encontro

O individualismo, a violência e a pobreza oprimem os menos favorecidos.

Síntese

O conto “Relato de ocorrência” faz parte do livro *Lúcia McCartney* (1969), ambientado às margens de uma rodovia, onde acontece um acidente. Um ônibus depois de bater em uma vaca cai no rio. Alguns passageiros morrem neste acidente, contudo, as testemunhas não se importam com isso, dando a atenção para a vaca. A miséria deles fala mais alto e partem para cima da vaca, a fim de levarem para as suas casas toda a carne que conseguirem tirar da vaca, inclusive o policial rodoviário.





Acolhimento

Iniciar o encontro apresentando o poema “O Bicho” de Manuel Bandeira (1993), a fim de preparar os estudantes para os diálogos, na etapa compartilhamento, sobre os efeitos de sentido do conto e as variadas leituras que eles tiveram. Da mesma forma, apresentar o poema “Reza, Maria” de José Craveirinha (2002), escritor moçambicano, realizando as mesmas ações de interpretação e análise da estrutura e do tema.

Memória

Exibir dois vídeos que compõem a reportagem “Pobreza avança no ES e já alcança 1 em cada 4 capixabas” de A Gazeta (<https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/pobreza-avanca-no-es-e-ja-alcanca-1-em-cada-4-capixabas-0722>), assistir também à reportagem da G1 “Mais de 60 milhões de brasileiros sofrem com insegurança alimentar, diz FAO” (<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/07/06/mais-de-60-milhoes-de-brasileiros-sofrem-com-inseguranca-alimentar-diz-fao>).

Após a exibição dos vídeos, estimular os estudantes a perceberem que o tema do conto é mais atual que possamos imaginar. Deixar que alguém se voluntarie a ler o conto.

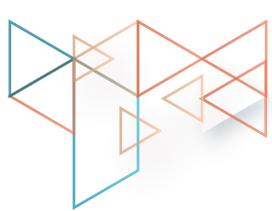


Acesso em 01 de agosto de 2022 em <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/07/06/mais-de-60-milhoes-de-brasileiros-sofrem-com-inseguranca-alimentar-diz-fao>.



Acesso 01 de agosto de 2022 <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/pobreza-avanca-no-es-e-ja-alcanca-1-em-cada-4-capixabas-0722>





Compartilhamento

Momento de escutar os estudantes sobre as experiências que tiveram com a leitura do conto e, por meio de perguntas, despertar o interesse deles em compartilhar as suas impressões do texto literário lido. Perguntas como:

- A partir do título do conto o que você esperava ser relatado no texto?
- Quais são as suas impressões sobre a vida da mulher do conto?
- Acha que ela tem paz?
- Um dos sentimentos que o conto provoca no leitor é a perplexidade devido ao absurdo da situação, típico do escritor Rubem Fonseca que desperta em seus livros vários sentimentos contraditórios. Quais foram os sentimentos que esse conto despertou em você?
- As atitudes das personagens provocam estranhezas. Quais são essas atitudes?
- Como explicar a nova disputa que ocorre no final do conto? O que leva os vizinhos pararem de brigar entre si nesse momento? O que acontece?

Solidariedade

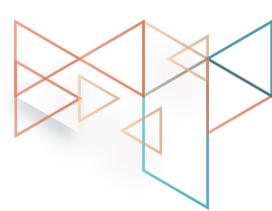
Para finalizar o professor faz a mediação para que os alunos, oralmente, reflitam sobre o individualismo, a violência e a pobreza.

Resistência

Lançar a pergunta no grupo: “esse conto é considerado verossímil ou inverossímil?” Em seguida, desafiar os estudantes a escreverem uma carta de reclamação ao prefeito da cidade para apresentar a ele a situação em que a comunidade vive a fim de que possa estabelecer políticas públicas para os que estão sofrendo com a falta de alimentos.

Antes de finalizar o círculo entregar aos estudantes uma cópia do conto “Livro de ocorrência”, podendo ser encontrado no site <http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual/>. Os estudantes deverão ler durante a semana.





O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira



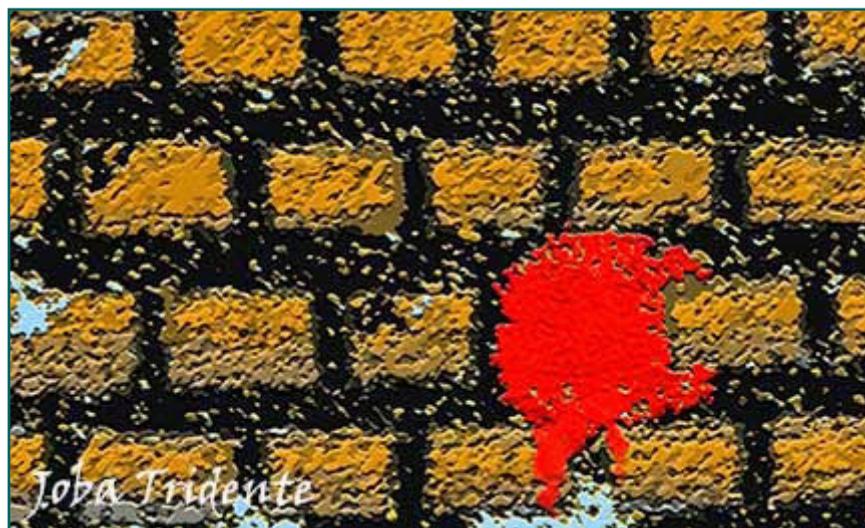
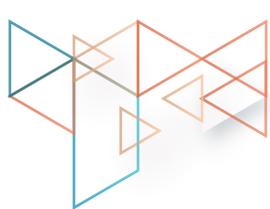


Ilustração de Joba Tridente (2014)

Reza, Maria

Suam no trabalho as curvadas bestas
e não são bestas
são homens, Maria!

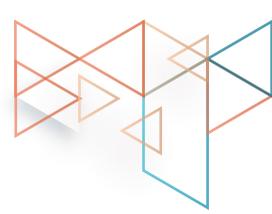
Corre-se a pontapés os cães na fome dos ossos
e não são cães
são seres humanos, Maria!

Feras matam velhos, mulheres e crianças
e não são feras, são homens
e os velhos, as mulheres e as crianças
são os nossos pais
nossas irmãs e nossos filhos, Maria!

Crias morrem á míngua de pão
vermes na rua estendem a mão a caridade
e nem crias nem vermes são
mas aleijados meninos sem casa, Maria!

Do ódio e da guerra dos homens
das mães e das filhas violadas
das crianças mortas de anemia





e de todos os que apodrecem nos calabouços
cresce no mundo o girassol da esperança

Ah! Maria
põe as mãos e reza.
Pelos homens todos
e negros de toda a parte
põe as mãos
e reza, Maria!

José Craveirinha

Um pouco sobre a vida de Manuel Bandeira



Manuel Bandeira nasceu em 1886, na cidade do Recife, morou no Rio de Janeiro, onde estudou no colégio Pedro II. Em 1904, o poeta sofreu tuberculose, desde então abandonou os estudos e se abateu bastante, sem esperança pensava que morreria logo ao mesmo tempo em que procurava cidades com climas mais saudáveis para viver, mudando-se com frequência de cidade em cidade, finalmente, foi para Clavadel, na Suíça, a fim de se tratar.

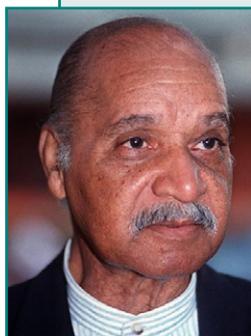
No início do século XX, as poesias de Manuel Bandeira, mesmo em período de influências do parnasianismo e do simbolismo, já possuíam características do prémodernismo, com a presença de versos livres. O escritor tornou-se um dos principais poetas brasileiros com uma vasta produção e influenciando sucessivas gerações.

O poema “Bicho” foi escrito no Rio de Janeiro, no dia 27 de dezembro de 1947, o poema retrata a realidade social do Brasil imerso na miséria durante a década de quarenta. Aparentemente simples, mas afinal desconcertante, o poema denuncia uma ordem social fraturada.

Bandeira demonstra ter capacidade de transformar uma cena triste e cruel em poesia. Ao olhar para a exclusão experienciada na paisagem de um grande centro urbano, o poeta denuncia o abismo social tão típico da sociedade brasileira.



UM POUCO SOBRE A VIDA DE JOSÉ CRAVERINHA

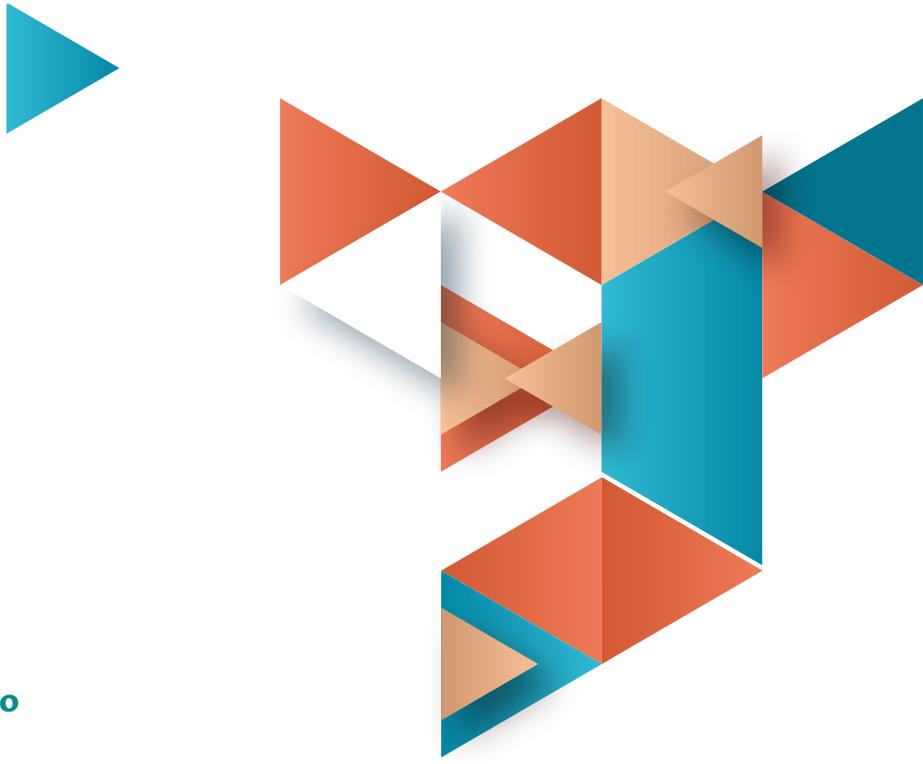


José Craveirinha nasceu em Maputo, capital de Moçambique, em 28 de maio de 1922 e morreu em Joanesburgo, África do Sul, em 6 de fevereiro de 2003. Considerado um dos grandes poetas da língua portuguesa, é o primeiro africano a receber o Prêmio Camões, em 1991. O poeta foi preso em 1965 pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado-PIDE, permanecendo preso por quatro anos.

As suas principais publicações são os livros *Xigubo* (1964), *Karingana ua karingana* (1974), *Cela 1* (1980), *Maria* (1988) e *Hamina e outros contos* (1997). Ele é considerado um dos grandes poetas da África e da língua portuguesa, tão importante na África quanto é Luiz de Camões em Portugal. Além disso, ele colaborava com os periódicos moçambicanos *O Brado Africano*, *Notícias*, *Tribuna*, *Notícias da Tarde*, *Voz de Moçambique*, *Notícias da Beira*, *Diário de Moçambique* e *Voz Africana*.

O poema “Reza, Maria” apresenta um espaço de degradação humana, em que o vocativo Maria ao final das estrofes, soa como uma forma de oração, um clamor. Lembramo-nos do clamor, pois Maria nos remete a mãe de Jesus, filho de Deus (para os cristãos), mulher santa, que intercede pelo filho e por aqueles que a ela clamam. Maria, ainda se torna uma grande metáfora para todas as mulheres.





5º Círculo de Leitura

Leitura e discussão do conto
o “Livro de ocorrência”

[...] escrevo sobre o que sei e conheço: a cidade. Meus valores são urbanos.

Rubem Fonseca

Objetivo

Ler e discutir o conto o “Livro de ocorrência”.

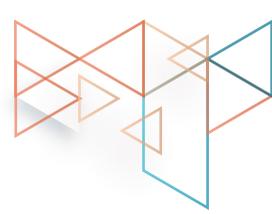
Tema do encontro

A violência urbana e a sua influência sobre as decisões morais no cotidiano da cidade nas relações direta entre o Eu e o Outro. A frieza diante da violência, a visão banalizada da morte, a indiferença com o humano e o individualismo reforçam o espetáculo grotesco na sociedade.

Síntese

O conto “Livro de ocorrência” foi publicado na obra *O cobrador* (1979), nele o autor apresenta três episódios sob a temática da violência urbana, o narrador personagem traz a voz de um policial. O primeiro episódio trata de uma violência doméstica, a segundo um acidente de trânsito e o último um suicídio.





Acolhimento

Nesta etapa do círculo, apresentar o documentário sobre a violência urbana do Jornal O Globo, “Brasil, um país violento” (https://www.youtube.com/watch?v=JQ8DFS_7w1Q). Dessa forma, os estudantes se darão conta do tema do dia do círculo de leitura. Sugerimos algumas perguntas antes de ir para a próxima etapa.

- A partir do documentário assistido você considerou o espaço parecido com o do conto? Quais foram as semelhanças encontradas?
- É possível falar sobre o comportamento humano em relação à violência a partir do conto?



Acesso em 01 de agosto de 2022 em https://www.youtube.com/watch?v=JQ8DFS_7w1Q

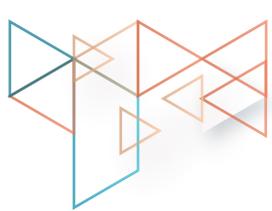
Memória

Nesta etapa, abrir o diálogo para as experiências pessoais dos estudantes sobre a violência no cotidiano da cidade de modo que percebam que o conto lido apresenta contextos contemporâneos aos nossos que principalmente percebam como a banalização da violência e a indiferença ao ser humano está cada dia mais presente no dia a dia da sociedade.

Compartilhamento

Propor a leitura do conto compartilhada por três estudantes, cada um lerá uma parte do conto. Em seguida, passa-se à escuta dos estudantes sobre as suas





experiências com a leitura do conto, sugerimos algumas perguntas para auxiliar no diálogo no círculo de leitura, tais como:

- O narrador ao utilizar uma linguagem própria dos boletins de ocorrência adota uma linguagem policial. Em que esse tipo de linguagem contribui para a construção do realismo no conto?

Solidariedade

Propor a leitura do conto “Maria” de Conceição Evaristo para estabelecer um diálogo com o conto “Livro de ocorrência”, apontando junto aos estudantes os pontos em que os dois contos convergem entre si, e, a partir desse ponto, levantar elementos presente no cotidiano dos estudantes e suas comunidades como os encontrados nos contos.

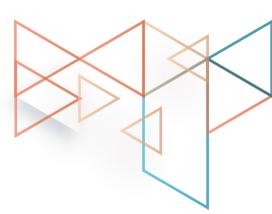
Resumo do conto “Maria”

O conto “Maria” se passa dentro de um ônibus, a história é sobre uma mulher negra que trabalha como doméstica e está vindo do trabalho. Ela é mãe solo de três filhos. Na bolsa, ela traz consigo 35 reais e as sobras de uma festa na casa da patroa que ela ganhou. Maria está a mão cortada, ela se acidentou no serviço com uma faca a laser.

No coletivo ela encontra o pai de seu primeiro filho e passam a conversar bem baixo. Eles relembram os bons momentos vividos, o que demonstra haver carinho entre eles. Ele pede que se façam carinho no filho e, em seguida, juntamente com o comparsa, anuncia o assalto ao ônibus,

Maria, porém, não é assaltada. Depois que os homens descem do ônibus, ela é acusada de cúmplice deles e é violentamente atacada de todas as formas fisicamente e psicologicamente, sendo finalmente linchada pelos passageiros do ônibus.





Resistência

Propor aos estudantes a escrita, nos moldes da escrevivência da escritora Evaristo Conceição, de um relato sobre as experiências diárias com a violência na cidade. O que mais lhe deixa indignado, o que mais lhe faz sofrer, após dizer como é a vivência nos espaços da cidade dizer como é a cidade que você almeja para viver.

Antes de finalizar o círculo entregar aos estudantes uma cópia do conto “Passeio noturno I”, podendo ser encontrado no site <http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual/>. Os estudantes deverão ler durante a semana.

Conceição Evaristo e sua escrevivência



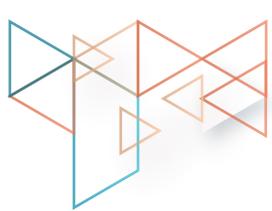
Conceição Evaristo nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais. Como as outras mulheres de sua família, ela trabalhou como empregada doméstica, mas ela mudou o seu destino quando se tornou professora e fez faculdade de Letras, além de mestrado e doutorado.

A escritora viveu na Favela do Pendura Saia, em Belo Horizonte, onde teve uma vida miserável. Evaristo tem em sua escrita uma forma de sobrevivência em que ela exalta a realidade da sua vida, sendo a partir dessa prática que Conceição Evaristo denominada por ela de “escrevivência”, cuja palavra traz em si duas acepções, a primeira é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa e a segunda cada um é que escreve o mundo que enfrenta.

A estreia como escritora de Conceição Evaristo com Ponciá Vicêncio (Ed. Maza) lançado nos Estados Unidos, na França e no México. Venceu o Prêmio Jabuti na categoria Contos em 2015 Com Olhos d’água. O seu trabalho é marcado pela crítica social, pela violência, pela ancestralidade. Tal qual Rubem Fonseca, Conceição Evaristo cria em seus contos personagens nos duros contextos urbanos.

A literatura significa libertação para Conceição Evaristo, é em seus escritos que ela registra as injustiças, as dores e os silêncios que de outra forma permaneceriam ocultos, como ocorre às pessoas que não são ouvidas.





Para saber mais

Sugerimos, ainda, para ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre o tema do encontro o curta “Vida Maria”.



Ano:2006

País: Brasil (Ceará)

Classificação: livre

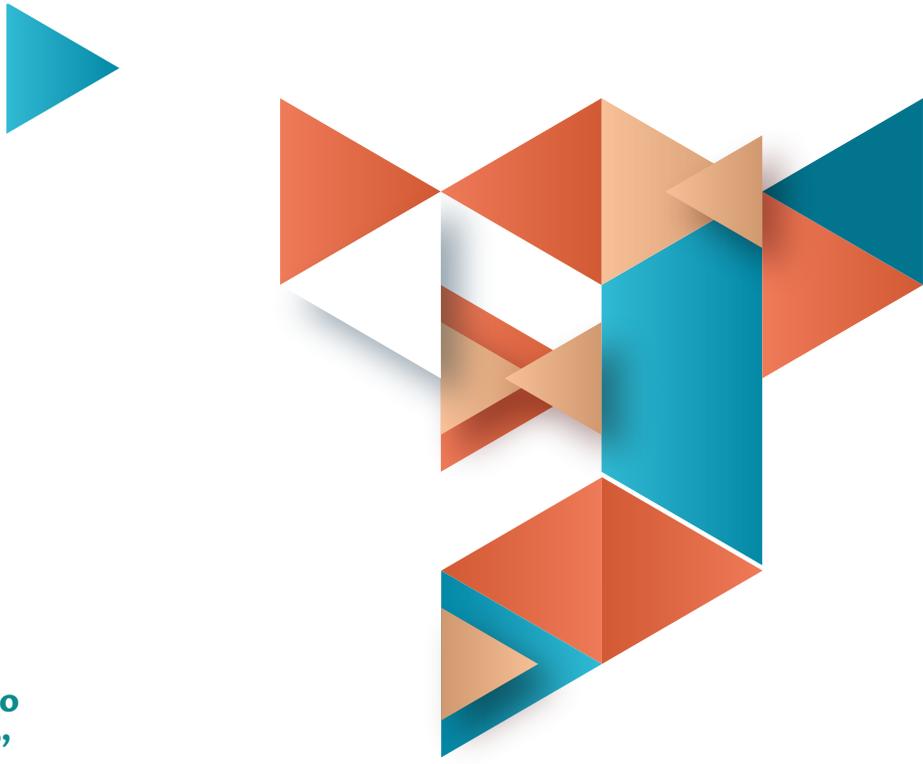
Duração: 08 min

Animador gráfico: Márcio Ramos

Onde assistir:

<https://www.facebook.com/watch/?v=262322901739567>





6º Círculo de Leitura

Leitura e discussão do conto
“Passeio noturno (Parte I)”

Uns fogem do amor e outros procuram com sofreguidão, mas no fim o que fica, em todos, é a mesma coisa, uma insuportável sensação de vazio.

Rubem Fonseca

Objetivo

Ler e discutir o conto o “Passeio noturno (Parte I)”.

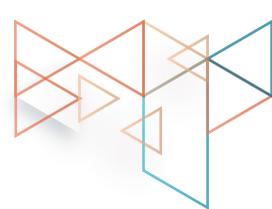
Tema do encontro

O enfrentamento das desigualdades, reivindicando uma proposta cujas estratégias educativas possam construir um ambiente em que não haja exclusão por gênero e que as pessoas não sejam inferiorizadas, não sejam tratadas com violência — física ou psicológica — e, que, portanto, não tenham seus direitos negados.

Síntese

O conto “Passeio Noturno I” faz parte do livro *Feliz ano novo* (1975), nele o protagonista, um homem de classe social privilegiada, é retratado como um sujeito de família. Mesmo não tendo um relacionamento saudável com ela,





todas as noites, ele volta para casa e janta com a família. Após o jantar, cada membro da família passa a fazer atividades de seu interesse isoladamente, é nesse momento que o protagonista choca o leitor com seu comportamento.

Acolhimento

Apresentar a artista plástica e grafiteira Panmela Castro (Anarkia Boladona) por meio de vídeos falando de sua trajetória (<http://memorialdademocracia.com.br/card/a-arte-engajada-de-anarkia-boladona>) e (<https://nutricaovisual.art.br/historia/artistas-em-pesquisa/grafite/panmela-castro/>) e observar três obras, uma em homenagem à Lei Maria da Penha e as outras duas da série de grafites “Irmãs Siamesas”, série que já foi pintada em grandes cidades como São Paulo, Miami, Nova Iorque, Amsterdã e Berlim. Em seguida, lançar as perguntas para reflexão dos presentes a partir dos grafites da artista: Qual é a sua experiência com a violência contra a mulher? É de quem sofreu a violência ou de quem testemunhou?

Vídeos a serem exibidos

A artista Panmela Castro (Anarkia Boladona) criou o “Grafiteiras pela Lei Maria da Penha”, projeto que usa o *graffiti* e a cultura urbana para combater a violência contra as mulheres.

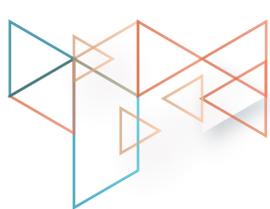


<http://memorialdademocracia.com.br/card/a-arte-engajada-de-anarkia-boladona>



<https://nutricaovisual.art.br/historia/artistas-em-pesquisa/grafite/panmela-castro/>





Obras a serem observadas

O mural Dororidade: grafite de 500 metros quadrados, localizado na Rua do Lavradio, no centro do Rio. Esta imagem mostra duas mulheres negras ligadas pelo cabelo.



<https://www.srzd.com/brasil/grafiteira-mural-homenagear-mulheres-negras/>



<https://www.pressreader.com/>



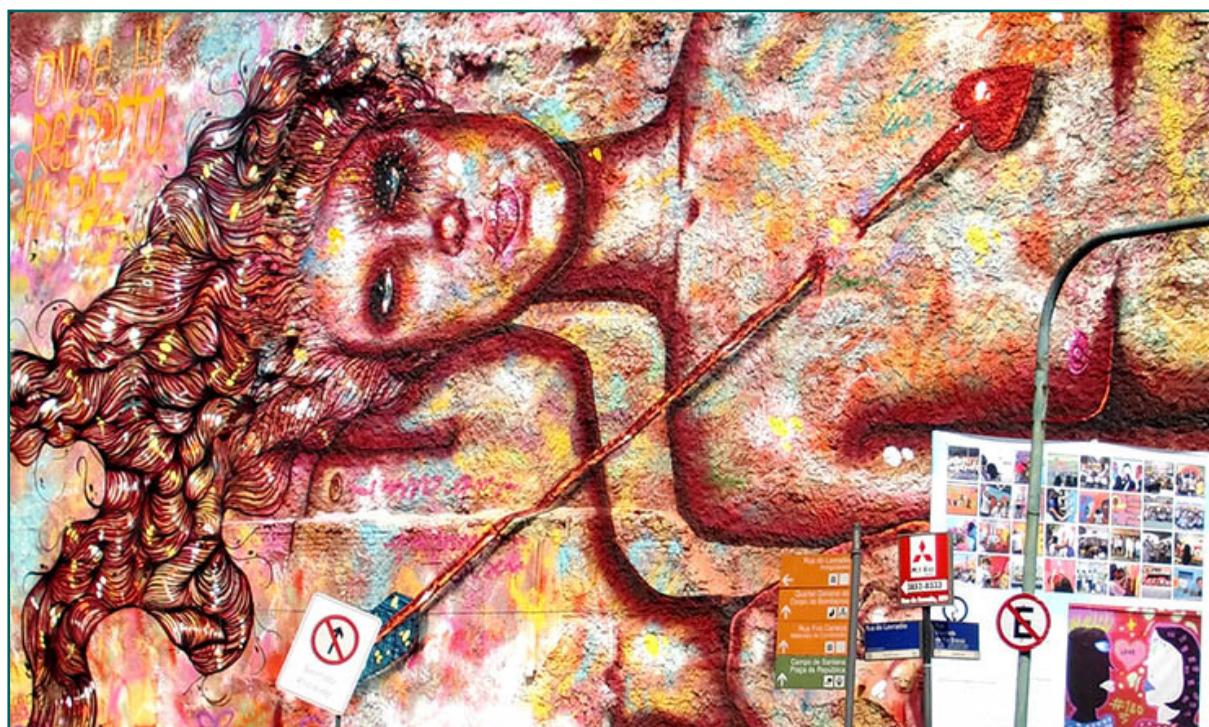


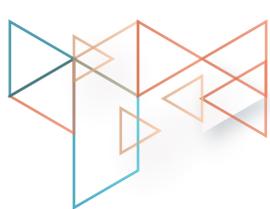
Grafite “Juntos Somos Mais Fortes” da série “irmãs siameses” no Museu em Amsterdã, no Stedelij Museum.



Foto Claire Bonjer | <https://www.hellomoto.com.br/panmela-castro-o-poder-feminino-no-grafite/>

Grafite de Anarkia Boladona no centro do Rio de Janeiro: referência à Lei Maria da Penha





Memória

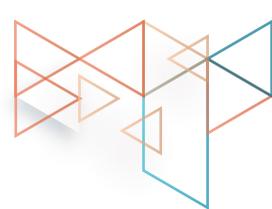
A proposta para essa etapa do círculo é a representação de uma cena cotidiana da cidade utilizando a técnica do Teatro-fórum.

Assim, arrumar o cenário com cinco cadeiras, e verificar no grupo quem quer participar da encenação, selecionando duas pessoas, um homem e uma mulher. Explicar para os voluntários para a atividade que a mulher será uma personagem jovem que está, tarde da noite, esperando o ônibus, saindo do trabalho, cansada e desejosa de chegar em casa logo.

Enquanto o homem representará uma personagem de um homem que passa pelo ponto e ao ver a mulher desperta o desejo por ela e quer estar ao seu lado a qualquer custo. Em seguida, os dois voluntários devem encenar o que foi explicado, mostrando o desejo das personagens, o que resultará em uma representação de uma situação de assédio sexual contra a jovem representada.

Neste instante de maior conflito entre as personagens, o professor deve problematizar a encenação, quando os estudantes perceberem que se trata de uma cena de assédio, ela pergunta se há entre as pessoas do círculo alguém que pensa em uma solução para a mulher acabar com aquela situação de opressão. Caso alguém tenha alguma ideia não deve revelá-la, mas deverá ocupar o lugar da





personagem para refazer a cena pensada. Depois de apresentada a cena o professor deve problematizar a cena e convidar outros estudantes a experimentar na representação as alternativas pensadas por eles.

Teatro-Fórum



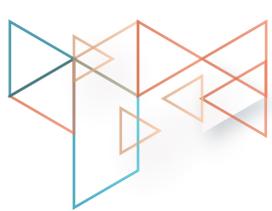
O Teatro-Fórum é uma técnica ou modalidade do Teatro do Oprimido (sistema organizado de técnicas e jogos destinados ao exercício teatral, com o propósito de fortalecer a formação política e estética de sujeitos oprimidos.) iniciado nos anos 70 do século XX por Augusto Boal, objetivando a luta contra a opressão, assim a libertação do oprimido e conseqüentemente a transformação social.

A produção de sentidos e das vivências coletivas é possível a partir da apresentação dos atores até que o problema seja apresentado e a encenação deve acontecer quantas vezes forem necessárias pelos próprios espectadores, que por meio da ação cênica, propõem soluções para o então problema apresentado.

Assim, é possível propor oficinas ou laboratórios para que os participantes compartilhem suas vivências e suas histórias de vida, representando o oprimido que é impedido de realizar um desejo, fruto da necessidade clara de cunho pessoal ou do coletivo. A encenação dramatiza as várias e diferentes motivações do opressor e do oprimido, nessas cenas o que sobressai são os conflitos, pois essa representação tem como base o jogo de conflitos, garantindo às cenas a apresentação das forças, às vezes desiguais, em que o protagonista tem como objetivo a solução do problema apresentado.

Portanto, durante as encenações é necessário lançar luzes sobre os conflitos, sem eles não há fórum. Dessa forma, na representação, o conflito deve ficar muito claro e evidente, de modo que ao terminá-la, a pergunta, a ser levada ao fórum, seja óbvia para os expectadores, pois será ela que irá nortear a discussão do grupo.





Um pouco sobre a vida de Panmela de Castro

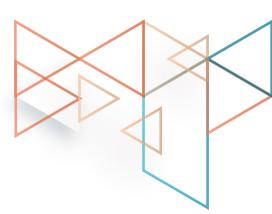


Panmela Castro nasceu em 1981, nascida e criada na Penha, Rio de Janeiro, artista conhecida também como Anarkia Boladona e considerada como a rainha do grafite brasileiro. Estudou pinturas na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em processos artísticos contemporâneos, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Marcada pela violência doméstica, a artista iniciou os seus grafites em 2005 com temas sobre os direitos das mulheres e a violência doméstica, entre outros assuntos, mas sempre relacionados às suas experiências. As suas obras, portanto, assumem uma perspectiva autobiográfica, partindo da alteridade para fazer a sua abordagem crítica cultural feminista.

Ativista dos direitos da mulher, Panmela Castro além de ser conhecida por sua arte engajada, ao usar o grafite para combater a violência doméstica, ela também é reconhecida por criar projetos como o “Grafiteiras pela lei Maria da Penha”, atualmente chamado de “Grafiteiras Contra a Violência Doméstica, que foi criado em 2008.





Compartilhamento

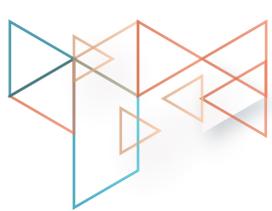
Em seguida, escutar os estudantes sobre as suas experiências com a leitura do conto, algumas perguntas podem viabilizar o diálogo no círculo:

- O personagem principal pertence a que classe social? Como você chegou a essa conclusão, onde no texto isso pode ser verificado?
- Como o autor apresenta os diálogos do texto?
- O que você achou mais relevante no texto?
- Como nós nos sentiríamos fazendo parte desta família?
- De que forma se apresentam os filhos do casal? Como marido e mulher se tratavam?
- Como o texto apresenta o relacionamento entre a personagem principal e os membros da sua família? Como parece ser o cotidiano dessa família?
- Haveria alguma razão específica para o narrador chamar a pessoa com quem é casado de “minha mulher”?
- É possível identificar atitudes preconceituosas do narrador com as classes populares em trechos como este: “Ainda deu para ver que o corpo todo desengonçado da mulher havia ido parar, colorido de sangue, em cima de um muro, desses baixinhos de casa de subúrbio.”? Por quê?
- Você acredita ser possível acontecer situações de violência na realidade como a ocorrida neste conto?

Solidariedade

Propor aos estudantes a produção de um esquete teatral, tendo como tema central as questões de gênero, podendo fazer uma apresentação para a escola e no Festival de Linguagens que acontece anualmente na rede municipal de educação de Vitória com os estudantes da EJA.





Resistência

Os estudantes conscientizados da necessidade de ensinar e multiplicar as aprendizagens sobre a não violência contra gênero na sua família e comunidade deve compartilhar os novos conhecimentos onde reside e onde trabalha.

Antes de finalizar o círculo entregar aos estudantes uma cópia do conto “Os músicos”, podendo ser encontrado no site <http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual/>. Os estudantes deverão ler durante a semana.





7º Círculo de Leitura

Leitura e discussão do conto “Os músicos”

Os grandes espelhos da parede vieram da Europa no fundo do porão; cristal puro. “Tua avó fez risinhos e boquinhas, namorou dentro desse espelho”. Respondo: “minha avó nunca viu esse espelho, ela veio noutra porão”.

Rubem Fonseca

Objetivo

Ler e discutir o conto o “Os músicos”.

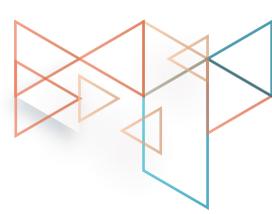
Tema do encontro

A esperança costurando as narrativas de si a do outro, é o plural constituindo identidade, uma comunidade, um povo.

Síntese

O conto “Os músicos” compõe a obra *Lúcia McCartney* (1970) e narra o um evento ambientado em um navio, onde estão três músicos responsáveis por entreter as pessoas que animadamente participam da festa.





Acolhimento

No local onde acontecerá o círculo de leitura, colocar no centro do círculo de leitura uma colcha de retalhos e espalhar sobre ela trechos de textos poéticos que dialoguem com a superação da indiferença em relação aos povos negros e indígenas. Em uma sala próxima ao local do encontro, organizar previamente um ambiente afetivo, cuja presença de um espelho seja central de forma que os estudantes, individualmente, possam se ver nele e ao retornar para o círculo, cada um deverá escolher um dos trechos expostos no centro do círculo, lê-los e cada um deve relatar a experiência de ser surpreendido por um espelho.

Memória

Após os depoimentos dos estudantes, na primeira etapa do encontro, em conversa com os eles, identificar como eles enxergam a si mesmos e a comunidade onde vivem, desvelando as visões estereotipadas sobre si e sobre a sua comunidade. Sugerimos algumas perguntas para dinamizar o diálogo:

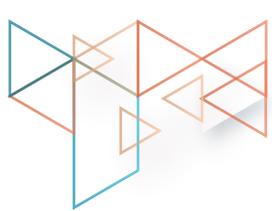
- Conte-nos onde você nasceu e alguma coisa que lembra a respeito de onde sua família morava quando você era criança.
- Onde você morou entre sete e doze anos e quantos irmãos você tinha?
- Existe alguma tradição em sua família, ou que já existiu?
- Quais as características que você herdou da sua família que agradam a você? Quais lhe desagradam?

Compartilhamento

Em seguida, escutar os estudantes sobre as suas experiências com a leitura do conto. Algumas perguntas para a condução do compartilhamento:

- Qual foi o seu primeiro emprego?
- O que pensa sobre as diferenças entre os que têm um bom salário e aqueles que possuem muito pouco para cuidar de sua família?
- Você acha que há um propósito específico do autor ao apresentar os músicos? Qual ou quais são eles?





- O ambiente dos acontecimentos do conto é um restaurante, onde surgem reflexões a respeito das diferentes classes sociais, das diferentes experiências de vida das pessoas e do tratamento que elas recebem. Você já viveu experiências como as que aparecem no conto?
- No contexto da cidadania, da educação e do mundo do trabalho como você enxerga os músicos que estão tocando no restaurante?

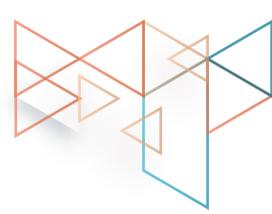
Solidariedade

Nesta etapa, os estudantes devem escrever relatos sobre si nos tecidos de algodão cru (30x30), com os quais, ao final, uma colcha deve ser costurada e exposta no encontro final do projeto, para que possam apresentar as pequenas narrativas que juntas, costuradas, formam a história do coletivo do círculo de leitura.

Resistência

Nesta etapa, propor a escuta da música do Cesar Mc, “Eu sou favela”. Finalizar o encontro, lembrando aos estudantes que a conscientização do valor das narrativas de cada um e de quem são podemos ressignificar o valor que as histórias individuais e coletivas possuem, orgulhando-se de quem são e do grupo do qual que fazem parte.





Um pouco mais sobre a vida do cantor Cesar MC

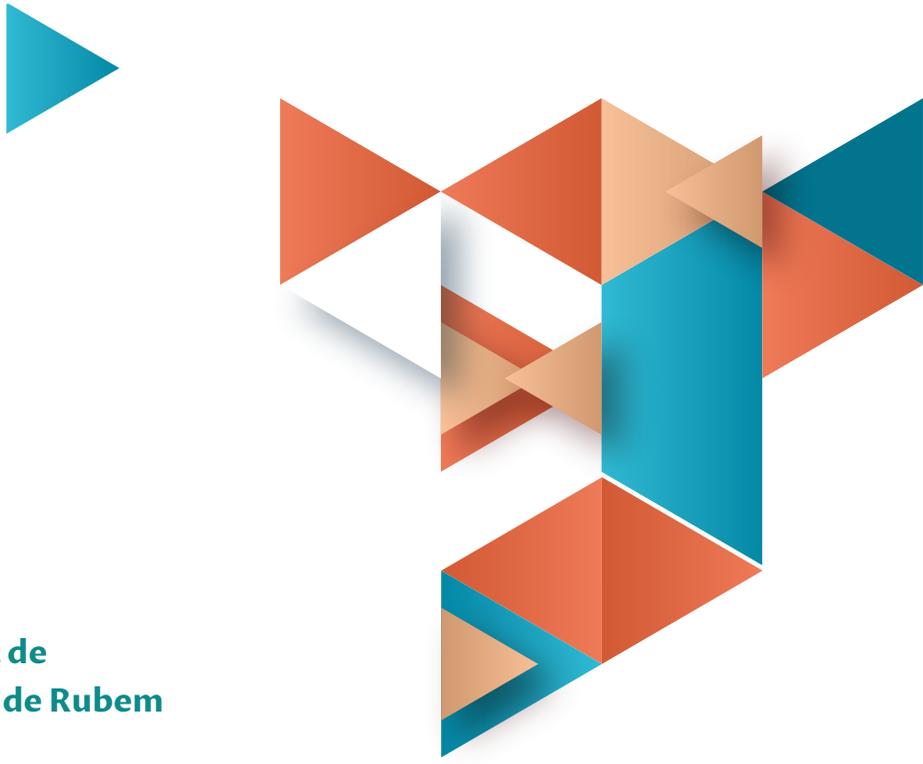


Cesar Resende Lemos nasceu em 1997, atualmente com 25 anos, ele é filho de uma professora de Língua Portuguesa e de um funcionário público, mora no Morro do Quatro em Vitória, no Espírito Santo. Mais de 955 mil seguem o *rapper* no *Instagram*.

Em 2014, na praça do SESC, em Vitória, Cesar Mc viu pela primeira vez uma batalha de MC's, isso o motivou a iniciar a sua carreira, participando de batalhas de rimas, resultando nas conquistas do bicampeonato estadual nos anos de 2016 e 2017 e, na mesma época, do Duelo Nacional de MC's.

As músicas de maior sucesso do artista capixaba são: “Canção Infantil”, “Minha última letra”, “Eu sou favela” e “Quem tem boca vaia Roma”, bem como as participações em “Favela Vive” e “Poetas no Topo”. O rapper Cesar Mc possui os álbuns gravados *Daí a Cesar* o *Que É de Cesar*, *Corvete* e *Reborns*.





8º Círculo de Leitura

Encerramento da proposta de leitura literária dos contos de Rubem Fonseca com participantes

A palavra é extremamente polissêmica. Cada leitor lê de uma maneira diferente. Então cada um de nós recria o que está lendo, esta é a vantagem da leitura.

Rubem Fonseca

Objetivo

Encerrar o projeto e incentivar os participantes e a comunidade escolar para continuar as práticas da leitura literária, promovendo um café literário.

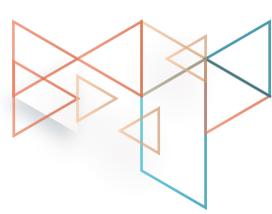
Tema do encontro

Por que continuar a prática da leitura é necessário.

Acolhimento

Propor a construção de um painel coletivo, com as respostas dos estudantes, completando a seguinte frase: “A leitura literária é...”, de forma que junto ao painel estará exposta a colcha de retalhos construída no encontro anterior e todas as outras produções dos estudantes durante o projeto.





Memória

Fazer uma retrospectiva dos encontros do círculo de leitura e permitir que os estudantes manifestem as suas impressões e experiências adquiridas durante este período.

Compartilhamento

Nesta etapa, os estudantes poderão compartilhar textos literários que julgarem interessantes (poemas, contos ou músicas de sua autoria ou não) promovendo um momento agradável entre os participantes.

Solidariedade

Propor a leitura e a escuta da canção “Amarelo” do Mc Emicida, permitindo que falem sobre a letra da música, bem como associando aos contos lidos durante o projeto as trajetórias de suas vidas.

Resistência

Encerrar o encontro com as palavras de Paulo Freire: “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias [...]. A educação não é um processo de adaptação do indivíduo à sociedade. O homem deve transformar a realidade para ser mais”. (FREIRE, 1979, p. 30-31).





Referências

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leituras.** São Paulo: Pulo do gato, 2012.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua.** 2 ed. São Paulo: 34, 2019.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas.** São Paulo: 34, 2017.

BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em < <http://www.ecofuturo.org.br/biblioteca-virtual/>>. Acesso em: 28 de julho 2022.

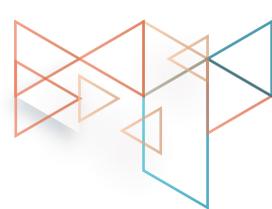
BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, A. (Org.) **O conto brasileiro contemporâneo.** São Paulo: Cultrix, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** 3 ed. São Paulo: Nacional, 1973.

CANDIDO, Antônio. **Na sala de aula: caderno de análise literária.** São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura.** In: *Vários escritos.* 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.





CARVALHO, Leticia Queiroz. Dialogismo e literatura: contribuições para a formação do leitor crítico na educação básica. **Revista Percursos Linguísticos**. Dossiê – O dialogismo nos estudos contemporâneos da linguagem, Vitória, v 8, n. 19, ISSN: 2236-2592, 2018, p. 77-90.

FONSECA, Rubem. **Contos reunidos**. Boris Schnaiderman (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 33 ed. São Paulo: Cortez. (Coleção questões da nossa época; v. 13), 1997

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 15 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. **Leitura: uma oferta de contrapalavras**. Educar, Curitiba, n. 20, 2002, p. 77-85.

